



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE CAMPUS LARANJEIRAS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA**

**DALILA DE SOUZA FEITOSA**

**UMA PAISAGEM DO CANGACEIRISMO: POSSIBILIDADES E  
DESAFIOS NO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO COMO  
PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL SERTANEJO NA  
GROTA DO ANGICO, POÇO REDONDO-SE**

**LARANJEIRAS**

**2016**

**DALILA DE SOUZA FEITOSA**

**UMA PAISAGEM DO CANGACEIRISMO: POSSIBILIDADES E  
DESAFIOS NO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO COMO  
PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL SERTANEJO NA  
GROTA DO ANGICO, POÇO REDONDO-SE**

**Monografia apresentada para conclusão do  
Curso de Bacharelado em Arqueologia, no  
Departamento de Arqueologia da  
Universidade Federal de Sergipe.**

**Orientadora: Professora Doutora Olívia  
Alexandre de Carvalho;**

**Co-orientador: Professor Mestre Willian  
Carboni Viana.**

**LARANJEIRAS**

**2016**

## FICHA CATALOGRÁFICA

--

**DALILA DE SOUZA FEITOSA**

**UMA PAISAGEM DO CANGACEIRISMO: POSSIBILIDADES E  
DESAFIOS NO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO COMO  
PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL SERTANEJO NA  
GROTA DO ANGICO, POÇO REDONDO-SE**

**Monografia apresentada para conclusão do  
Curso de Bacharelado em Arqueologia, ao  
Departamento de Arqueologia da  
Universidade Federal de Sergipe.**

**Área de concentração: Arqueologia.**

**Data da defesa: 06 de outubro de 2016.**

**Resultado: \_\_\_\_\_.**

**BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Dra. Olivia Alexandre de Carvalho \_\_\_\_\_**

**Universidade Federal de Sergipe**

**Prof. Dr. Alberico Nogueira de Queiroz \_\_\_\_\_**

**Universidade Federal de Sergipe**

**Profa. Mestre Veronica Maria Meneses Nunes \_\_\_\_\_**

**Universidade Federal de Sergipe**

**Dedico a meus pais, parentes, amigos e a tantos  
quanto forem envolvidos com o  
desenvolvimento da arqueologia.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta pesquisa, de modo especial:

A Deus, que em sua infinita bondade me deu força e disposição para realizar todos os meus trabalhos.

Aos meus pais Jackson Alves Feitosa e Maria das Graças de Souza Feitosa, que incansavelmente desde os meus primeiros passos não mediram esforços para que eu tivesse uma trajetória de vida com vitórias. Vocês são meu maior orgulho! Obrigada por me ensinar o significado da palavra caráter, determinação e dignidade.

Ao meu irmão Ezequiel que mais do que palavras de conforto me ajudou financeiramente durante toda a graduação. Muito obrigada meu querido irmão!

A minha irmã Danielle que desde o primeiro dia de aula se propôs a sempre estar me ajudando com os trabalhos acadêmicos. Muito obrigada maninha!

A minha irmã Sulamita que por muitas vezes parou para ouvir minhas angústias no decorrer do trabalho. Obrigada maninha pela paciência!

À minha orientadora Olívia A. de Carvalho, que me ensinou que positividade gera amor ao que fazemos, e que isso é a chave para obtermos sucesso na vida. Muito obrigada pelo seu voto de confiança, em mim depositado.

Ao meu Co-orientador Willian Carboni Viana, corroborou com minhas orientações acadêmicas, me ensinou que o homem está na Terra para semear o conhecimento, independentemente do que ele venha ganhar em troca. Para você minha eterna gratidão e admiração!

Aos meus amigos: Maria Clara Costa, Thaissa, Marcia Rodrigues, Adriano Santos, Roberval Junior, Jacy, Mario Mamede, Fernanda Libório, Sálvio, Erivelton, Evinha, professora Veronica Nunes, Nora, e tantos outros, que me motivaram e mostraram que feliz é aquele que tem bons amigos e os cultiva.

A todos citados e não citados, meu cordial obrigada!

**“A teimosa realidade. Na arqueologia da paisagem a viagem da escrita é abolição oblíqua, delírio provocado, lição de tentativa. Ao fim de tantos anos o desejo faz-se exílio ”.**

**Ana Hatherly**

## RESUMO

A Grota de Angico (Sergipe-Brasil) é uma paisagem singular, com representatividade simbólica e identitária única. Palco de um dos eventos mais importantes do cangaceirismo, no Nordeste brasileiro. A Grota de Angico foi o local em que Virgulino Ferreira da Silva (Lampião), Maria Gomes de Oliveira (Maria Bonita) e mais nove cangaceiros morreram, emboscados pela polícia alagoana. Os traços culturais do cangaceirismo, sejam eles materiais ou imateriais, são aqui evidenciados e ganham contornos paisagísticos, como, por exemplo, suas atitudes violentas perante aos não seguidores do movimento, o modo nômade de andar em bandos, geralmente armados e suas vestimentas que facilitavam camuflagem nos momentos de fuga em meio à caatinga - num território que lhes era conhecido, fazem parte da história e do patrimônio cultural do Nordeste brasileiro. Todo acontecimento, arqueológico ou histórico, ocorre numa determinada porção do espaço, palco dos acontecimentos que forma uma paisagem. Assim, em meio a concepção sobre a paisagem cultural, enquanto categoria do patrimônio, aparece a proposta de preservação e valorização do território, pertencente a Grota do Angico - que forma uma paisagem cultural diferenciada, através do turismo arqueológico. No Brasil, a ideia de turismo arqueológico carece de estudos e investimentos. Por este motivo, há necessidade desta pesquisa, mais exploratória que conclusiva. Porém, nesta pesquisa também se apontam caminhos, possibilidades e desafios, para o desenvolvimento socioeconômico local através do turismo arqueológico, e preservar a paisagem cultural na Grota do Angico (Sergipe-Brasil) ao mesmo tempo. Para tal pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico pertinente à temática em epígrafe, saída a campo e entrevistas com guia turístico e visitantes/turistas da grota. Recorre-se nesta pesquisa qualitativa aos postulados teóricos da arqueologia da paisagem, atrelada aos elementos, também teóricos, da ciência turística antropológica, numa construção paralela; visto que, a Arqueologia responde as manifestações que envolvem os sítios arqueológicos. Ao final, elenca problemas e aponta desafios e possibilidades para o desenvolvimento local, além de caracterizar a paisagem cultural do cangaceirismo imbricada na Grota de Angico.

**Palavras-chave:** Paisagem Cultural. Turismo Arqueológico. Grota do Angico-SE. Cangaceirismo. Desenvolvimento sociocultural local.

## ABSTRACT

Grota Angico (Sergipe, Brazil) is a unique landscape, with only symbolic and identity representation. Stage one of the most important events of cangaceirismo, in northeastern Brazil. The Grota Angico was the place where Lampião (Lantern) and Maria Gomes de Oliveira (Maria Bonita) died, ambushed by police Alagoas. The cultural cangaceirismo traits, whether tangible or intangible, are here highlighted and earn landscaped contours, for example, their violent attitudes to non-followers of the movement, the nomadic way of walking in groups, often armed, their clothing that facilitated camouflage in moments of escape in the midst of the caatinga - a territory that was known to them. They are part of history and cultural heritage of the Brazilian northeast. Every event, archaeological or historical, happens in a certain portion of space, stage the events that shape a landscape. Thus, in the midst of views on the cultural landscape, as a category of heritage, it appears the proposal of preservation and enhancement of the territory belonging to Grota do Angico - that forms a distinctive cultural landscape, through the archaeological tourism. In Brazil, the archaeological tourism idea lacks studies and investments. For this reason, there is a need in this study, exploratory than conclusive. However, this research also indicate paths, opportunities and challenges for the local socio-economic development through the archaeological tourism, while preserving the cultural landscape in Grota do Angico (Sergipe, Brazil). For this research, we conducted a literature relevant to the topic title, field output and interviews with tour guide and visitors / tourists grota. recourse is this qualitative research to the theoretical postulates of landscape archeology, linked to the elements, also theoretical, anthropological tourist science, a parallel construction; since, archeology responds demonstrations involving archaeological sites. Finally, lists problems and point challenges and opportunities for local development, as well as characterize the cultural landscape of imbricated cangaceirismo in Grota Angico.

**Keywords:** Cultural Landscape. Archaeological Tourism. Grota do Angico-SE. Cangaceirista Movement.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Vista da entrada do Município de Poço Redondo .....	41
Figura 2. Localização de Poço Redondo, em Sergipe – Brasil.....	42
Figura 3. Vista parcial da estrada de acesso à Grota do Angico, pelo município de Poço Redondo – SE.....	42
Figura 4. Vista parcial do portal de entrada da Grota do Angico pelo município de Poço Redondo – SE.....	43
Figura 5. Passeio de barco para a Grota do Angico através do Rio São Francisco, Piranhas – AL.....	43
Figura 6. Traje típico dos cangaceiros com os diversos adornos e enfeites cuidadosamente feitos .....	48
Figura 7. Estrada para a Grota do Angico. ....	49
Figura 8. Relíquias do tempo do cangaço. Museu de Serra Talhada - PE.....	50
Figura 9. Cruzes do local da morte dos cangaceiros. ....	53
Figura 10. Museu do Sertão de Piranhas- AL.....	56
Figura 11. Cigarreira de Prata que pertenceu a Lampião, acevo do Museu do Sertão de Piranhas- Al. ....	57
Figura 12. Foto da Faixada do Centro de Artesanato de Piranhas- Al. ....	57
Figura 13. Interna do prédio do Centro de Artesanato de Piranhas- AL. ....	58
Figura 14. Artesanato de Piranhas- AL. ....	58

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

P&D: Pesquisa e Desenvolvimento .....	27
SPHAN: Secretaria do Patrimônio Histórico Cultural .....	29
IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico Cultural .....	29
PCH: Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas.....	29
SEPLAN: Secretaria de Planejamento da Presidência da República.....	29
CNRC: Centro Nacional de Referências Culturais .....	29
IOCS: Inspetoria de Obras Contra as Secas .....	32
SEMARH: Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos de Sergipe .	43

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 Objetivo Geral.....	14
2.2 Objetivos Específicos.....	15
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3.1 A Paisagem na Arqueologia.....	15
3.1.1 Alguns Postulados teóricos sobre a paisagem .....	15
3.1.2 Contextualização sobre arqueologia da paisagem.....	18
3.1.3 A paisagem cultural .....	21
3.2 Arqueologia Histórica e Cultural Material .....	22
3.3 Turismo Arqueológico.....	24
3.3.1 Intercâmbios socioculturais do turismo.....	24
3.3.2 Turismo como prática de consumo diferencial.....	25
3.3.3 Turismo, paisagem cultural e o desenvolvimento local - termos gerais.....	26
3.3.4 Turismo arqueológico na preservação do patrimônio paisagístico cultural.....	28
3.4 Breve Síntese Histórica do Cangaço.....	30
3.4.1 O cangaceirista.....	30
3.4.2 Lampião, o cangaço e a paisagem.....	36
4 GROTA DO ANGICO – LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO AMBIENTAL.....	40
4.1 Localização da Grotta do Angico .....	40
4.2 Caracterização Ambiental .....	42
4.2.1 A unidade de conservação e as ambientações turísticas .....	42
4.2.2 Características fisiográficas, hidrogeológica e geológica .....	43
5 METODOLOGIA .....	45
6 RESULTADOS.....	47
6.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....	47
6.2 Principais Problemas Identificados .....	47
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	56
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

## 1 INTRODUÇÃO

O cenário do sertão nordestino serviu por muito tempo como pano de fundo para eventos históricos importantes. Dentre os acontecimentos mais relevantes, o cangaceirismo<sup>1</sup> apresenta grande destaque, fazendo parte no passado do Nordeste brasileiro. Tal movimento, também conhecido como Cangaço, é um dos acontecimentos mais expressivos para os nordestinos, evidenciando um momento político delicado e único na história do Brasil, essencialmente no Nordeste.

Assim, através do cangaceirismo, em 28 de julho de 1938, a Grota de Angico ficou conhecida. O motivo foi a emboscada, por parte dos militares alagoanos, que terminou na morte do cangaceiro Lampião ou Virgulino Ferreira da Silva sua mulher e mais nove cangaceiros. Sendo ele e sua mulher Maria bonita ou Maria Gomes de Oliveira os mais famosos e temidos dentre os cangaceiros participantes do movimento.

Por ser um momento diferenciado, se deu escolha do palco da última “batalha” de Lampião, fazendo parte da história regional. O simbolismo vivo, da Grota do Angico, carrega consigo uma realidade que não se pode ficar alheio. Seu legado, além de histórico e cultural, pode contribuir como um vetor para o desenvolvimento do município de Poço Redondo, em Sergipe. Sob a égide da potencialidade do turismo arqueológico, chave neste estudo de caso, considera-se aqui a nova função do espaço como um dos pontos de partida, além da caracterização cultural da paisagem enredada na Grota do Angico, para apontar caminhos de gerenciamento deste território.

A tentativa de apontar as possibilidades, os caminhos e os desafios para a preservação e valorização da paisagem cultural, no sítio arqueológico Grota do Angico, surge através da gestão do turismo arqueológico, que pode contribuir significativamente na preservação da história do local, em sua representatividade cultural e identitária. Pois, a paisagem cultural da Grota do Angico valoriza o patrimônio histórico-cultural do Nordeste. Quando pesquisado através da visão da arqueologia da paisagem se pode obter ganhos significativos, pois envolve uma variedade de processos, tanto relacionados à organização do espaço quanto a modificação do mesmo em função de uma diversidade de propósitos, potencializando assim um melhor entendimento dos locais em que os fatos aconteceram, e contribuindo na

---

<sup>1</sup> Termo utilizado para descrever o movimento criado pelos cangaceiros.

valorização do mesmo. A paisagem, para além de suas definições, é um elemento crucial para a preservação e gestão do patrimônio cultural, a considerar a sua dinamização de oportunidades pedagógicas e socioeconômica (SIMÕES, 2010).

A Grotta do Angico pode ser apresentada como um instrumento de desenvolvimento. Além do que, paisagens culturais inseridas em processos de gestão impedem a sua descaracterização, sem limitar sua evolução, seja do ponto de vista de salvaguarda, seja a partir da visão do desenvolvimento socioeconômico. E, quanto às dimensões imateriais que caracterizam as manifestações culturais e comportamentais, neste caso o cangaceirismo e as paisagens culturais podem representar avanço importante, em se tratando de gestão do patrimônio cultural, definido como o conjunto de bens culturais, antigos e novos, de populações ou grupos sociais. Este conjunto de bens culturais, como, por exemplo, os costumes, alimentação típica, sua religiosidade, cantos, danças, a própria linguagem, suas festividades, são uma das principais fontes de patrimônio cultural (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Nesse contexto, a Arqueologia da Paisagem considera as intervenções humanas como construtoras da paisagem; a partir dos vestígios deixados por estas intervenções – construções, gravuras, pinturas, fogueiras, sepultamentos – e de suas relações com os aspectos naturais do lugar em que estão, podendo dizer sobre a maneira como os povos ou grupos que intervieram na paisagem lidavam com o meio (UCKO & LAYTON, 1999; SANTOS, PARCERO & CRIADO, 1997; ASHMORE & KNAPP, 1999).

Diante deste panorama, partimos do questionamento de que a Arqueologia da Paisagem, quando atrelada a outras ciências, como, por exemplo, o Turismo ou a Geografia, pode contribuir de maneira relevante na construção de benefícios para a comunidade, imbrica nesta paisagem tão singular e diferenciada, que é Grotta de Angico, bem como contribuir com a sociedade local em sua historiografia.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Caracterizar a paisagem cultural imbricada na Grotta do Angico, apontando as possibilidades, os caminhos, e os desafios do desenvolvimento do turismo arqueológico local, com vistas a valorizar este patrimônio, evidenciando, sobretudo a cultura material e imaterial do cangaceirismo, aqui representado por Maria Bonita (Maria Gomes de Oliveira), Lampião (Virgulino Ferreira da Silva) e seu grupo de cangaceiros.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Reconhecer, descrever e levantar os compartimentos ambientais, paisagísticos e potencialidades turísticas da Grotta do Angico;
- Caracterizar a Paisagem Cultural na Grotta do Angico, de modo a evidenciar os seus contornos paisagísticos;
- Evidenciar a história do cangaço, de Lampião, Maria Bonita e seus cangaceiros, como um dos elementos componentes da identidade sertaneja Nordestina;
- Apontar as possibilidades, os caminhos e os desafios para o desenvolvimento do turismo arqueológico local/regional;
- Identificar a cultura material e imateriais e componentes da paisagem (vestimentas, armas, modo de vida, entre outros identificáveis no decorrer do estudo); entender a arqueologia da paisagem da Grotta do Angico.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 A PAISAGEM NA ARQUEOLOGIA

##### 3.1.1 Alguns Postulados Teóricos sobre a paisagem

Escrever sobre a paisagem não se trata de uma tarefa simples, mais ainda quando se reconhece a diversidade de influências filosóficas dentro das Ciências Humanas (VIANA, QUEIROZ e COSTA, 2012, p. 31). Partindo de noções mais simplistas, o dicionário Ferreira (2016) define a paisagem dividindo-a em dois significados: 1º- a extensão do território que se abrange num lance de vista; 2º- desenho, quadro, gênero literário ou trecho que representa ou em que se descreve um sítio campestre.

No dicionário, o termo em epígrafe está sob a égide das primeiras concepções e definições sobre a paisagem. Tais definições evocam o *paysage*, do francês, e *landshamps*, flamengo; ambos os termos significam “terra”, e teriam sido utilizados pela primeira vez em 1943, por Jean de Molinet para se referir a uma pintura (AURÉLIO, 2016).

Entretanto, a paisagem, como já é evidente na literatura, passou a inúmeras definições. Em sua trajetória tornou-se objeto central de estudo em diversas disciplinas tais como as ciências naturais, exatas e da terra. Carrega ainda legado do período moderno, pois a paisagem foi por muito tempo conformada a partir da noção de espaço capitalista, proveniente da Revolução Industrial (CRIADO-BOADO, 1993: 12).

De certo modo, adveio uma significativa mudança na conceituação da paisagem, desde o princípio do pensamento naturalista até a gama de concepções que se têm atualmente. Contudo, perspectivas diversas convergem na compreensão das relações entre as sociedades e os ambientes que as rodeiam (VIANA, QUEIROZ e COSTA, 2016: 33).

Na Arqueologia, a noção de paisagem assume os aspectos relacionados às suas correntes teóricas. As primeiras, como a Arqueologia Histórico-Culturalista e a Arqueologia Processual bebem de conceitos que admitem pensar a paisagem com interesse em “produtos acabados” (COSTA, 2013; VIANA, QUEIROZ e COSTA, 2016: 34).

A Arqueologia Histórico-Culturalista entende a paisagem como um espaço geográfico que serviu para as populações demarcarem seus territórios; a premissa do espaço como território está presente nesta corrente desde o final do século XIX, quando teve seus primeiros trabalhos publicados com Gordon Childe e Gustaf Kossina (ASCHUETZ, WILSHUSEN e SCHEICK, 2001). Preocupados em quantificar e qualificar os vestígios arqueológicos, de modo a responder questionamentos de ordenação da Cultura Material, essencialmente com aspectos evolucionistas e difusionistas, buscando compreensão dos processos socioculturais e políticos. Sem muita preocupação em compreender o porquê as pessoas utilizavam os espaços de vivência (COSTA, 2013).

A Arqueologia Processual acolhe a definição de paisagem como, mais do que território, um espaço que pode servir também para captação de recursos naturais em prol do desenvolvimento da população humana. Conforme Simões (2012) o estudo do espaço como área de captação de recursos surgiu na década de 1960, juntamente com a Arqueologia Processual, trazendo abordagens ecológicas e econômicas, com enfoques nas questões pertinentes ao espaço.

Para Pellini (2009) tal postulado contempla a territorialidade, acessibilidade aos recursos naturais, comportamento humano, interação social, troca de informações, variabilidades tipológicas e estilo da Cultura Material.

Dentro deste contexto, a Geoarqueologia que atua na interseção disciplinar, respondendo, de maneira plausível, as questões formuladas pela Arqueologia, tem sua base na relação interdisciplinar entre Arqueologia e as Geociências (MORAIS, 1999). Busca responder aos questionamentos formulados pelos arqueólogos processualistas sobre a relação entre o meio natural e cultural, tratando sobre como os grupos pré-históricos se utilizavam dos elementos territoriais; bem como a Geologia, a Geomorfologia, Pedologia e Estratigrafia para esquematizar quatro tipos de áreas disciplinares inter-relacionadas, como, por exemplo, o território de habitação, território de sobreposição, o sítio arqueológico e o território de exploração (SIMÕES, 2012).

Os primeiros estudos sobre o espaço como padrão de assentamento foram realizados por Wauchope e Willey, inspirados em parte por Stewards e Clark ambos pioneiros na antropologia ecológica que considerava plausíveis as relações do meio natural e cultural para a estrutura e organização de um grupo (ANSCHUETZ; WILSHUSEN e SCHEICK, 2001).

Willey desenvolveu uma metodologia inovadora que rapidamente recebeu reconhecimento como um protótipo para os estudos de padrão de assentamento na Arqueologia Processual. Delimitando a área, tirando fotos aéreas e desenhando a partir dessas fotos, desenvolveu uma tipologia de liquidação, focado em habitações, cemitérios, redutos morro, pirâmides e compostos (ANSCHUETZ; WILSHUSEN e SCHEICK, 2001).

O trabalho de Willey (2001) foi o pioneiro de um conjunto de técnicas para identificar, descrever e classificar sítios arqueológicos e sua ecologia natural espalhada por grandes áreas espaciais. Contribuindo assim, para o desenvolvimento de métodos e dados arqueológicos para interpretar as mudanças sociais de longo prazo dentro das regiões com base nas transformações internas ao invés de fatores externos, como difusão ou migração (ANSCHUETZ; WILSHUSEN e SCHEICK, 2001).

E, por último, a Arqueologia Pós-Processual, se diferenciando das duas correntes supracitadas, onde a mesma admite que a paisagem não é uma localidade ou território, e sim, algo construído socialmente, de acordo com sentimentos e emoções das pessoas que a vivenciaram e experimentaram (FLEMING, 2006).

Também se deve ressaltar que até os anos de 1990, os arqueólogos pesquisadores da paisagem, estavam mais preocupados com o produto final e não com as interações das pessoas com o ambiente que as cercavam; esta maneira de pensar se sobressaiu no século XX, e ainda é presente na produção arqueológica recente (FLEMING, 2006). Os pesquisadores, Pós-Processuais, denunciam tal visão cartesiana do espaço como sendo improdutiva (FLEMING, 2006: 268). Para Branton (2009) e Johnson (2000) é possível falar que Arqueologia Pós-Processual contribuiu para se estabelecer pensamentos de paisagens ideacionais. Mesmo que passando algum tempo improdutiva em termos de teoria (JOHNSON, 2007).

O entendimento neste trabalho é que as características paisagísticas são captadas pelos seres humanos, que dão substância as paisagens que constroem ao se relacionar com o ambiente natural e social. Cada paisagem existente é dada a partir da relação das pessoas com o mundo material, em outras palavras, pode se dizer também que cada paisagem depende das ideias do observador e sua relação com o mundo que o cerca; a paisagem é inerente ao aspecto sensitivo do homem, aos contornos espaciais e são carregadas de significados (VIANA, QUEIROZ e COSTA, 2016). Para Christopher Tilley (2004) experimentamos o mundo, porque estamos entrelaçados a ele.

Cabe dizer também que as paisagens, existentes na superfície da terra, possuem atributos relativos à passagem do tempo, ultrapassando percepções de uma mesma geração de indivíduos, sendo composta por elementos do passado e do presente, em uma construção transversal. Esta relação é vista no seu conjunto de forma que em determinado momento, exprime as heranças que representam as consecutivas relações (materializadas) entre o homem e o ambiente (SANTOS 2006 apud VIANA, QUEIROZ e COSTA, 2016).

Deste modo, a paisagem é uma construção humana, considerando também a localização, o meio físico, a funcionalidade e o imaginário transmitido (FERNANDES, 2013). O espaço é o pano de fundo, os seres humanos os atores, e a paisagem o enredo.

### **3.1.2 Contextualização sobre Arqueologia da Paisagem**

A Arqueologia da Paisagem é tão antiga quanto à própria Arqueologia, pois os arqueólogos sempre estiveram interessados no espaço, e conseqüentemente na Paisagem, que são investigadas como entidades econômicas, sociais, políticas e simbólicas e muitas vezes são tratadas mutuamente como áreas exclusivas de pesquisa (Simões, 2016). As características que compõe a paisagem, embora externas, são socialmente construídas dentro da nossa mente, ou seja, acabamos por lhes atribuir significado (MASCHNER & MARLER, 2008), (ASHMORE & KNAPP, 1999).

Neste contexto, diversas ciências lidam com o conceito de Paisagem de maneiras diferentes. Segundo Ashmore (2007) e Sousa (2005), o estudo da Paisagem, na Arqueologia, possui múltiplos conceitos de acordo com a postura teórica do pesquisador que irão determinar a metodologia para a realização da pesquisa proposta.

Para Ashmore (2007), há uma tendência em separar o estudo da Paisagem de acordo com duas correntes teóricas da Arqueologia: o processualíssimo e o pós-processualíssimo. No Brasil, o precursor do uso do termo polissêmico Paisagem em pesquisas Arqueológicas foi Morais (1999) com uma perspectiva atrelada ao processualíssimo e o uso abusivo das geotecnologias (FAGUNDES, 2010), onde são inseridas em uma discussão pela identificação dos sítios dispostos na paisagem e a relação entre eles, considerando a Paisagem como elemento ativo para ser explorado por um grupo, seja em uma esfera econômica, social ou simbólica.

Na Paisagem são desenroladas as relações humanas, e nelas são estudadas as inter-relações entre as comunidades e o ambiente, através de possíveis alterações realizadas por elas na área, como por exemplo, a exploração de recursos naturais (VITA-FINZI, 1978).

Nesse ambiente, a paisagem é o palco das relações sociais como agente/sujeito do processo relacional. Na paisagem são compreendidos os processos de interação socioambiental que se dão a partir de um padrão de atividades colapsadas em um conjunto de características, em uma forma externa criada por um padrão de atividades humanas que continuam a ser visíveis para os arqueólogos após o desaparecimento de seus criadores (UCKO & LAYTON, 1999).

Para McGlade (1999), Paisagem são essencialmente construções multidimensionais, resultado da interação entre estruturas historicamente determinadas e processos contingentes (que, entre muitos, compete a cada um), e que essa dinâmica deve ser considerada em qualquer quadro metodológico-interpretativo do estudo da Paisagem. A consequência dessa concepção é a necessidade de ver paisagens como sendo produtos de longo prazo, em uma relação sócio natural e co-evolutiva.

Ao discutir a Paisagem como elemento da percepção humana, a sua característica se torna um terreno no qual se efetiva a luta entre diferentes códigos de construção de significado e na interpretação desse significado é preciso identificar os diferentes recursos que atuam na sua configuração (SOUSA, 2005).

Nesse sentido, propor estudar a percepção humana sobre a Paisagem é recorrente a sua interpretação através dos mecanismos sensoriais do indivíduo, sendo que para Bender (2001), paisagem é o espaço mediado pela percepção subjetiva e sensorial dos indivíduos. Entretanto, a questão cultural também deve ser considerada na percepção de um indivíduo inserido em um grupo. Então, os elementos da implantação da Paisagem são culturais e partilhados dentro do grupo, sem inferiorizar a percepção individual. Para a Arqueologia é necessário estudar os elementos da implantação na Paisagem, que compartilhados por um grupo, resultam em maneira semelhante de perceber a paisagem (SIMÕES, 2016).

Os sítios Arqueológicos estão inseridos em uma paisagem que ultrapassa a concepção de uma entidade física intocada (passiva), assumindo que há uma relação inerente com a dinâmica cultural, compreendida como uma construção social do espaço (FAGUNDES, 2010; CRIADO BOADO, 1993).

Para Criado Boado (1993), existem três maneiras distintas de entender o conceito de Arqueologia da Paisagem; o primeiro é empirista, em que a paisagem aparece como realidade já dada e que por diferentes razões, nega a si mesma; a segunda é sociológica, que explica a Paisagem como meio e produto dos processos sociais; e a terceira é Culturalista, que interpreta a Paisagem como objetivação das práticas sociais, tanto de caráter material como imaginário.

O conceito de que a Arqueologia da Paisagem deve ser vista como a interação entre nossos algoritmos mentais e o significado simbólico criado pelo ser humano para aquela Paisagem (MASCHNER e MARLER, 2008), acaba por se aproximar do conceito culturalista de Criado Boado (1993), onde as investigações arqueológicas devem ultrapassar as delimitações espaciais (assentamentos) para conceber espaços territoriais amplos, ou seja, a Paisagem arqueológica, percebida e compreendida pela sociedade que a ocupou (FAGUNDES, 2010).

O estudo da Paisagem ainda inclui modificações arbitrárias de origem puramente cultural que são obtidas através das particularidades do processo histórico (FAGUNDES, 2010), gerando, portanto, uma série de variáveis a serem consideradas no estudo da Paisagem.

As diferentes posturas elencadas nessa etapa do texto comportam-se de maneira complementar ao discutir os diferentes conceitos para o estudo da Arqueologia da Paisagem. Em síntese, a Paisagem deve ser tratada como agente das construções sociais, além da dimensão material que ocupa dentro do modo de vida dos grupos humanos, também sustém um espaço simbólico vinculado ao apego, sentimento (local dos ancestrais/lugar de memória), aspectos cognitivos, que consideram um comportamento altamente específico, social e culturalmente determinado (FAGUNDES, 2010).

Para Schaan (2010), as paisagens são produto da modificação e apropriação por parte das sociedades humanas do seu entorno ao longo do tempo, e, portanto, encontra-se em uma dinâmica contínua de desenvolvimento ou de dissolução e substituição. Essa dinâmica pode ser considerada como o termo apresentado por (GALLAY 1986): o palimpsesto do tempo.

Os arqueólogos utilizam o termo paisagem para categorizar uma atividade, seja física ou mental, que está envolvida pelo ser humano e o meio circundante, ou seja,

subsistência ou ritual com usos interativos, portanto, Paisagem se refere à integração de fenômenos naturais e humanos em uma área na superfície da Terra.

Paisagens, como sistemas de definições, estão intimamente relacionados à vida humana, e para viver e trabalhar em vez de apenas contemplar (como de maneira leviana o termo já foi considerado). Sempre há o simbólico, sempre há um significado, que são outras maneiras de se considerar a Paisagem sempre como cultural (BRASS, 1999).

Assim, a pesquisa em Arqueologia pretende compreender a Paisagem arqueológica (espaços territoriais amplos) que é percebida e compreendida pelo grupo que a ocupou, cujas características são resultados de construções sociais a partir das relações dos fatores naturais e humanos/individuais e compartilhados, dentro de evidências arqueologicamente perceptíveis (SIMÕES, 2014).

### **3.1.3 A paisagem cultural**

A Paisagem Cultural é descrita como a paisagem que transporta narrativas, dissimula histórias pessoais e coletivas, relevando valores como o aqui nasceu, o aqui viveu, o aqui morreu, o aqui escreveu ou filmou esta obra, aqui pintou este quadro ou registou esta ou aquela fotografia, aqui fez este ou aquele discurso” (FERNANDES, 2013, p. 272). Ou seja, é aquela paisagem que o homem modifica, que conta histórias de cada um, ou em coletividade, de como nasceu, onde e como viveu. São as atividades que o ser humano consegue fazer em sua trajetória de vida modificando o meio ambiente. “Deste modo, a paisagem é um objeto representado e, ao mesmo tempo, uma expressão material de representações múltiplas que se territorializam, nem sempre em harmonia” (FERNANDES, 2013, p. 275).

Numa mesma linha de pensamento Petroni e Kenigsberg *apud* Boullón (2002) afirmam que Paisagem cultural é a paisagem modificada pelo homem e suas atividades, como lavouras e cidades. Para Trzaskos et al (2010, p. 3) com relação a paisagem cultural diz que: “Por sua dinamicidade, a paisagem pode ser vista como uma condição estética que o conjunto adquire quando o ser humano dentro desse processo de interpretação coloca seu subconsciente a prova, avaliando aspectos principais e particularidades”.

A paisagem cultural, de acordo com Mayaudón *apud* Boullón (2002) indica que “O meio ambiente humano não é um simples conjunto de condições naturais: é a imagem da população que o criou com base em suas crenças, mitos e aspirações”. Diante das conceituações dos autores, a paisagem cultural leva ao mesmo pensamento de que é uma atividade pela qual o homem modifica a paisagem natural com o seu contexto histórico (MAYAUDÓN *APUD* BOULLÓN, 2002).

### **3.2 Arqueologia Histórica e Cultura Material**

No estudo sobre Arqueologia Histórica e Cultura Material é necessário entender os conceitos que sevem como base para esses distintos ramos da ciência interlaçada a Arqueologia. Para entender a Arqueologia Histórica e Cultura Material do ponto de vista mundial é possível recorrer ao trabalho de Funari (2006), no qual a conceitua como o estudo das sociedades com escritas incorporada, seja na disciplina homônima norte-americana ou então nas diversas disciplinas que lidam com sociedades e com documentação escrita, nesse caso recorrendo ao conceito de (HAWKES, 1951).

Funari (2006) complementa afirmando que se tem buscado uma melhor representação da arqueologia histórica desconexa da simples ancila, serve ou auxiliar da documentação escrita e da ciência de descrever a história, uma vez que a cultura material não só é um complemento das informações textuais, mas fornece informações de forma alternativa, podendo confrontar as fontes escritas (FUNARI, 2006 *apud* DAVIES, 1988; SMALL, 2010; KEPACS, 1997).

No campo teórico, Orser Jr (1992) exemplifica a Arqueologia Histórica na fazenda Mundo Novo em que, a partir da análise dos artefatos (cerâmicas), pôde concluir que houve um declínio da cerâmica de estilo africano, o que indicou uma transformação na cultura escrava, ou seja, a aculturação que seria a razão para tal declínio. Para ele os edifícios da fazenda, como a habitação dos senhores e as habitações dos escravos, enquanto fonte da Arqueologia Histórica, e no contexto da paisagem, são passíveis de análises e forneceram importantes dados, expressados nas relações de poder e ideologias e na concepção da Arqueologia Histórica, evidenciando importantes informações que não seriam possíveis em nenhum outro tipo de fonte.

Pode-se dizer que o ponto central para a arqueologia histórico-cultural era a sua convicção de que a espécie humana poderia ser subdividida em diferentes culturas que são, em muitos casos, distintas uma da outra. Normalmente, cada uma dessas culturas é vista como representando uma etnia diferente. A partir de uma perspectiva arqueológica, acredita-se que cada uma destas culturas pode ser distinguida por causa da sua cultura material, tal como o modelo de cerâmica que produziu ou as formas de enterramento que praticavam (MAE, 2015).

Alguns arqueólogos (Heinrich Schlieman, Grafton Elliot Smith, Lord Fitzroy Somerset Raglan) histórico-culturais subdividiram e nomearam culturas separadas dentro do seu campo de especialização: Heinrich Schlieman, por exemplo, ao examinar a Idade do Bronze a leste do Mediterrâneo, dividiu essas culturas como distintas entre si: minoica, micênica, heládica e das ciclades (FUNARI, 2006).

Vale ressaltar que a temática inerente ao espaço e a paisagem possibilitou a compreensão e delimitação do que venha a ser lugar (place) e paisagem (landscape), assim ambos representam dois tipos de espacialidades e que, no seu contexto, refletem a materialização da estrutura social e espacial de uma sociedade que insere significados sociais e culturais. Também neste contexto, o espaço físico constitui-se como materialidade, pois estabelece relações mentais com os agentes sociais (ACUTO, 1999).

Pearce (1990, p.33) elabora esta questão considerando a própria Arqueologia como parte da negociação social e como um projeto de persuasão, que sua presença nos museus contribui também para uma negociação do passado, iniciada com a própria formação da coleção e reforçada pelos processos de curadoria, estudo, publicação e exibição, todos permeados pelo caráter seletivo das ações.

### **3.3 TURISMO ARQUEOLÓGICO**

#### **3.3.1 Intercâmbios socioculturais do turismo**

Existem provas de que o turismo em sítios arqueológicos no Brasil já estava presente antes do final do século XX, verificado pelas marcas deixadas em sítios de arte rupestre com diversas datas, sendo que, no entanto, somente após a década de 1980 é

que o turismo arqueológico passou a ser assunto de discussão acadêmica e da atenção do poder público (AMORIM, 2010).

Nesse contexto, quando se fala em turismo lembra-se logo de atividade realizada de forma sociocultural. Ou seja, atividade entre pessoas de determinada cultura, ou mesmo a junção de outra cultura. “O turismo é um veículo de intercâmbio cultural entre pessoas e grupos humanos, um jogo de espelhos entre uns e outros, umas vezes atuando como espelho côncavo, pelo que nos magnifica, e outras como convexo, pelo que nos minora” (PÉREZ, 2009, p. 10).

A Antropologia faz entender o turismo como um meio de interligação entre indivíduos e grupos:

Para a antropologia, o turismo é um fator social total e também um processo social, económico e cultural no qual participam vários agentes sociais, sendo fundamentais os mediadores, isto é, políticos, planificadores, profissionais do marketing, hotéis, transporte, guias, agências de viagem, escritores e investigadores (PÉREZ, 2009, p. 10).

Percebe-se que esse processo social de que Pérez (2009) descreve, envolve um contexto abrangente e visa também o lado econômico e cultural.

Nesse contexto, o turismo consolida-se como meio de atender a diversos anseios humanos da ordem do coletivo, do comum, do subjetivo, da tribo, passando do lazer a satisfação da curiosidade, pela constante busca pela investigação do conhecimento, dos processos de intercâmbio sociocultural ao posicionamento referencial em relação às distintas sociedades. Por sua vez, a cultura cria a interação entre visitantes e visitado. Gerando uma troca no ambiente compartilhado, de caráter coletivo, grupal de interação. Nesse contexto a sociabilidade do fator cultural perpassa a imaginação e se entrega ao estar junto, ao aqui e agora, nos outros cotidianos que impõe novos posicionamentos “presenteístas”, no entanto, sustenta parte do conteúdo do dia-a-dia, provocando a mutação de imagens, sons e odores (ASHTON, 2006).

### **3.3.2 Turismo como prática de consumo diferencial**

O turismo tem apresentado nas últimas décadas um crescimento considerável e isso se deve principalmente a um novo e mutável pensamento sobre o seu conceito. A necessidade de consumir e a incerteza da vida faz dos seres humanos um fiel explorador

de novos costumes e cultura e é nesse panorama que Pérez (2009) descreve que o turismo muitas vezes deixa de ser um diferencial de lazer e passa a ser:

Produção e consumo de bens simbólicos com significação social, então, praticar turismo desenvolve as identidades sociais definidas pelo estatuto social dos seus intervenientes, tal como a posse de um bom carro, significa integração social praticada através da sua experiência ritual, também significa diferenciação social através do consumo (PÉREZ, 2009, p. 14).

Logo, o tempo que seria para o lazer, se tornou o tempo de consumir aquilo que antes era prazer, para ser ocupado com atividades econômicas e de consumo. “O turismo é uma produção e consumo de bens simbólicos com significações sociais. Fazer turismo é uma expressão das identidades sociais dos seus intervenientes” (PÉREZ, 2009, p. 14).

Corroborando a essa linha de pensamento, Oliveira e Vitte (2015) descreveram que o conceito de turismo já não estar somente relacionado a atividade de lazer ligada ao ócio e a recreação, mas já é considerado uma atividade econômica importante, que tem o poder de transformar lugares interiores, gerando inúmeros empregos e garantindo o desenvolvimento. As mesmas ainda ressaltam que o turismo modifica o cotidiano das comunidades no qual ele é inserido, além de seus costumes, tradições e modo de agir e pensar.

Oliveira e Vitte (2015) descreveram que o turismo é um fenômeno econômico, cultural, social e comunicacional, envolvendo desde as relações concretas das sociedades quanto as imaginárias.

Costa (2012) ressaltou que o turismo como elemento de transformação econômica traz consigo dinâmicas intrínsecas da modernidade, associada a busca pelo novo, o chamado “vir a ser”, incidindo diretamente sobre a produção do espaço que é produzido pelo e para o consumo. O lugar é valorizado pelo turismo o qual se apropria do mesmo para utiliza-lo como um produto de consumo que necessita ser percebido, de imediato, pelo olhar.

Nesse contexto, os espaços criados nas cidades atraem os turistas, onde o novo cenário imaginário e imaginados são responsáveis pela relação de conexão entre o turista e o lugar, resultando em uma relação de consumo. Nesse panorama o patrimônio, a arte e a cultura são “comprados” como mercadoria pelos visitantes do lugar (PEREIRA E SPOLON, 2007).

Desta forma, praticar turismo significa afirmarmo-nos como seres “modernos” através do uso de bens de consumo convertidos em signos e veículos de significação (PÉREZ, 2009, p. 15). O mesmo ainda apresenta os objetivos do turismo que implica em: Conhecer algumas tipologias do turismo e praticar turismo; compreender o turismo a partir das interações entre os atores sociais; estimular os leitores na procura de estratégias de conhecimento; refletir sobre a diversidade do fenómeno “turismo” e como a diversidade cultural permite a criação de diversos tipos de turismo.

### **3.3.3 Turismo, paisagem cultural e o desenvolvimento local – termos gerais**

Segundo Menezes (2015), o turismo pode ser descrito de muitos modos, mas quando se trata do cultural o mesmo tem apresentado como uma forte e crescente estratégias de desenvolvimento sustentável, tendo em vista que o mesmo é construído partindo da preocupação em aliar o planeamento económico e de infraestrutura à percepção da procura por estilo de vida e bens culturais, sem esquecer da preservação dos recursos naturais e culturais.

Sendo assim, a aliança entre cultura, turismo e desenvolvimento económico pode trazer grandes benefícios, uma vez que o turismo se apresenta em constante desenvolvimento, adquirindo crescente importância devido à sua capacidade impactar tanto a economia quanto as relações sociais, a cultura e o meio ambiente local (MENEZES, 2015).

Nesse contexto, de acordo com Coriolano (2013), descrever o desenvolvimento local tomando como pilar o papel do Turismo por intermédio da Paisagem Cultural é um convite à revisão do modelo de desenvolvimento hegemónico, ou de forma mais clara, é uma crítica aos modos de viver e produzir o lazer e o turismo. O mesmo ainda reforça que esse modo de pensar busca uma sociedade justa e sustentável no qual o lazer é um forte contribuinte para a elevação do padrão de qualidade de vida dos residentes e ao máximo de satisfação possível para os turistas, não baseado ao simples e insustentável consumismo.

Nessa circunstância, se faz necessário pensar no lazer e no turismo como uma atividade de carácter solidário, no qual os povos possam aprender com as diversas culturas existentes, sem deixar de lado as diversas oportunidades de negócios possíveis

entre municípios e comunidades; garantindo com isso o desenvolvimento local, cumprindo seu papel original de promover o acúmulo de capital na esfera global (CORIOLANO, 2013).

Com esse panorama é necessário entender o papel desse serviço na acumulação, na multimídia, nas telecomunicações e no lazer e turismos, e é nesse ponto que Coriolano (2013) enobrece o nosso pensamento ao descrever que embora os investimentos no desenvolvimento industrial em pesquisa e desenvolvimento (P&D), em informática e tecnologias possam estar entre as maiores despesas do mundo, o turismo apresenta um importante papel na esfera global.

Desse modo, o estudo do lazer e do turismo pela compreensão da importância na acumulação e da vinculação nas políticas financeiras, imobiliárias de urbanização e comércio é uma grande oportunidade para o entendimento do mundo e da sociedade contemporânea. O mesmo ainda descreve que infelizmente esse tipo de serviço apresenta um modelo econômico do tipo oligopolista, onde a competição tem como base não somente os preços, mas a qualidade do produto e a propaganda, gerando assim uma alta concentração de capital.

Para uma melhor ambientação é necessário entender que o setor de serviços emprega mais do que a indústria, no entanto, os trabalhadores nesse setor recebem menores salários, sendo o lazer um dos que mais oferece oportunidade de trabalho. Assim sendo, vale salientar que as corporações globais apresentam um crescente volume de bens e serviço com uso de trabalho decrescente, mas, no entanto, alguns locais ou setores desenvolvem outras formas de trabalho, garantindo assim uma maior absorção de trabalhadores (CORIOLANO, 2013).

Nessa perspectiva, o turismo local apresenta uma característica de atendimento das necessidades dos moradores de um determinado lugar, não só visando o lucro. Esse modelo faz contraponto ao do desenvolvimento hegemônico e contraditório. Coriolano (2013) explica que esse modelo hegemônico de desenvolvimento está baseado na exploração dos territórios, tendo o turismo como um dos principais focos, tornando-o eficaz e eficiente no atendimento às necessidades do capital.

No entendimento do turismo como fonte de desenvolvimento local é necessário lembrar que o mesmo se baseia no crescimento local realizado em pequenos lugares de modo participativo, garantindo mudanças sócioestruturais, de caráter endógeno. Com isso, se faz necessário entender que o desenvolvimento não pode ser baseado somente

em indicadores econômicos, mas no favorecimento do ser humano, no eclodir de suas potencialidades, garantindo assim aos cidadãos trabalho, subsistência, educação e condições de vida mais digna. Nesse ponto, a proteção aos direitos humanos e o respeito são as bases do desenvolvimento e da sociedade humanizada. Assim, garantir o indispensável para a vida digna dos cidadãos, com intercâmbio entre os diversos povos com tranquilidade no relacionamento social, são condições imprescindíveis na preservação da dignidade humana e por isso institui base sólida do desenvolvimento do turismo local (CORIOLANO, 2013).

### **3.3.4 Turismo arqueológico na preservação do patrimônio paisagístico cultural**

A relação entre o turismo e a preservação do patrimônio cultural surgiu a partir da década de 1967 com o desenvolvimento de documentos internacionais como as Normas de Quito e em 1976 com a Carta de Turismo Cultural. Sendo que o primeiro trata sobre o modo de conservação e uso de monumentos e sítios de interesse arqueológicos, artístico e histórico, dando ênfase no valor turístico do patrimônio cultural.

Descrevendo o patrimônio cultural como um instrumento para o desenvolvimento socioeconômico, através da inserção nos planos de desenvolvimento da nação, buscando demonstrar a relação direta entre o interesse da preservação e das atividades econômica. Por sua vez, A Carta de Turismo Cultural ressalta a necessidade de um plano de políticas adequadas de modo a garantir os efeitos adversos provocados pela exploração desgovernada desse bem, uma vez que o seu efeito é irreversível (SOUZA, 2012).

Nesse panorama, foi possível perceber a influência das diretrizes internacionais nas práticas de preservação do seu patrimônio cultural, sendo que nesse período, entre 1950 e 1960, o desenvolvimento industrial e o êxodo rural criaram novos desafios para nesse sentido para o país (Souza, 2012). Segundo Fonseca (1997), vendo a necessidade de reformular e reforçar a sua atuação, o SPHAN (que depois mudou para IPHAN) recorreu à UNESCO em meados da década de 1960.

Essa busca foi provocada pela necessidade de compatibilizada os interesses relacionados a proteção dos bens culturais baseando no modelo de desenvolvimento vigente. O mesmo ainda ressalva que como resultado dessa parceria foi possível

observara a valorização dos patrimônios culturais por seu interesse turístico, passando essa atividade a ser considerada como uma alternativa para gerar recursos para a proteção do próprio patrimônio cultural.

Com tudo isso, é relevante lembrar que na década de 1970 essas propostas foram efetivamente desenvolvidas pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), com significativo destaque para o ano de 1973, onde ocorreu a criação do Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas-PCH, sendo mais tarde substituído pela Secretaria de Planejamento da Presidência da República – SEPLAN, com o objetivo de recuperar os monumentos históricos, a criação de infraestrutura e a promoção do patrimônio cultural como alternativa para o desenvolvimento socioeconômico das regiões.

Assim sendo, vale ressaltar que em paralelo ainda teve início em 1975 o funcionamento do Centro Nacional de Referências Culturais-CNRC, nesse caso, tendo como objetivo a valorização da cultura popular, considerando o desenvolvimento socioeconômico dos grupos sociais como um potencial do patrimônio (SOUZA, 2012).

De modo geral, em 2003 a criação do Ministério do Turismo resultou no principal marco histórico para o desenvolvimento, a nível federal, das políticas públicas para esse setor. Sendo que, somente em 2008 com a criação da Lei nº 11.771, notoriamente conhecida como Lei do Turismo, que dispõe sobre a Política Nacional do Turismo, foi estabelecido o conceito de desenvolvimento sustentável como uma diretriz para as políticas voltadas para o turismo no Brasil. Esse fato possibilitou uma ênfase no potencial dessa atividade para a conservação do patrimônio cultural (SOUZA, 2012).

Com tudo isso, é possível concluir que a partir da década de 1960 é que ocorreram a estruturação e normalização desse setor, com abrangência nacional, tendo como ênfase a conservação do patrimônio cultural e o seu interesse turístico. Sendo que somente após a Lei do Turismo que foi consolidada os conceitos de desenvolvimento sustentável, turismo sustentável e da importância da conservação do patrimônio cultural voltado a atividade turística (SOUZA, 2012).

### 3.4 Breve Síntese Histórica do Cangaceirismo

#### 3.4.1 O cangaceirismo

Primeiro que tudo é necessário destacar a região de atuação dos cangaceiros, se tratando principalmente dos estados brasileiros do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, na região definida como Sertão.

A definição de sertão no Brasil se trata de toda a zona interiorana alcançada ainda no século XVI, em seguida a chegada dos colonizadores, no momento em que fazendas agrícolas foram separadas das fazendas de gado, particularmente na Região Nordeste do Brasil, em que a produção agrícola começou a restringir-se à faixa costeira e a criação de gado estendia-se ao interior, notadamente, o Sertão tomado como uma das subáreas do nordeste, localizada a Oeste de duas outras, a conhecer: Agreste e Zona da Mata (AMADO, 1995; FILHO, 2011: p.85).

Tendo definido o recorte espacial, pode-se contar um pouco sobre a história deste fenômeno que ficou marcado na memória popular, e na história recente do Brasil: o Cangaço. Enquanto alguns pesquisadores tratam do tema como uma forma de banditismo peculiar da região Nordeste do Brasil entre o final do séc. XIX e meados do séc. XX, outros defendem o movimento cangaceiro como um problema tipicamente social da região supracitada, a dizer que, a égide do pensamento moderno e sob a luz de critérios sociológicos, o cangaceiro assume a nomenclatura de: “ bandido social” (AZEVEDO, 1990: p. 72), com todas as aspas possíveis.

Deste modo, Camelo (2001) sugere que o surgimento destes grupos se associa a fatores políticos segregatícios, que emergiram juntamente com processo de colonização do Brasil, como por exemplo, as más divisões de terras propostas pela coroa portuguesa, através do Sistema Sesmarias.

Nesse contexto, vale ressaltar que o Sistema Sesmeiro era, originalmente, a distribuição por parte da Monarquia portuguesa de terrenos abandonados às pessoas comprometidas a coloniza-lo, dentro de prazos pré-estabelecidos. A demanda era ocupar territórios retomados dos muçulmanos. Para Azevedo (1990) o sistema das Sesmarias, instituído no período Medieval, projetou-se no período Moderno e foi transplantado para o Brasil, dentre outros países de domínio lusitano. Entretanto, diferentemente de outros lugares, aqui no Brasil este sistema assumiu aspectos peculiares, transformando-se em grandes latifúndios (Azevedo, 1990: P. 358),

evidenciando desta maneira a distância entre as intenções “governamentais” e a realidade em que vivia a maioria dos brasileiros.

O Sistema Sesmeiro, então implantado, não dava direito ao homem humilde de possuir seu pedaço de terra para sua subsistência, e sim, aos nobres e aliados da coroa. Este evento contribuiu para o descaso do desenvolvimento econômico e social dos sertões nordestino por décadas (Irmão, 2014), e, sobretudo, para uma sociedade desigual, possibilitando o início de uma forma governamental radical, na qual não admitia uma qualidade de vida melhor aos mais necessitados (CHANDLER, 1980).

Com o advento desse sistema político republicano, surge também o coronelismo, uma espécie de militarismo que ao que consta, governava sua localidade à mão de ferro sem nenhum respeito ao próximo, pois quem recebia as terras doadas pelos governantes, adquiriam automaticamente a patente de coronel (Camelo, 2001). Essa forma de governar não admitia condições mínimas de sobrevivência como saúde e educação para o homem sertanejo, pois só quem podia ter uma escolaridade eram os filhos dos coronéis que tinham além do poder político o poder econômico (CHANDLER, 1980).

Outro aspecto estudado por muitos pesquisadores Cangaceiristas seria o espaço geográfico, já que as condições naturais foram propícias para as atividades Cangaceiristas, por ser uma região seca com pouca produtividade agrícola devido ao seu solo castigado, o que pode contribuir condições mínimas como alimentação escarças naquele cenário tenha favorecido o surgimento deste fenômeno.

Camelo (2001) diz que as condições naturais do sertão nordestino foram propícias para as atividades Cangaceiristas, devido ao baixo nível cultural da população e ao tipo de ocupação desta área que foi marcada pelo domínio dos latifundiários e organizada politicamente pelo coronelismo. Como se fez ver, *“O meio não é determinante, mas exerce um papel importante para o desenvolvimento de algumas atividades do homem no espaço geográfico”*.

A região isolada, com distribuição de chuvas irregulares conseqüentemente trazia fome já que a atividade produtiva era a pecuária e agricultura. Este problema de estiagens vem se somar a outros de origem estrutural, tais como a concentração de terras nas mãos dos coronéis (Camelo, 2001). Trazendo assim o descaso por anos, pois foi somente em 1909, que foi criado um órgão denominado Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), que segundo Irmão (2014), tinha como objetivo cuidar de todas as necessidades do sertão nordestino, tais como: construção de açudes, pontes, portos,

construção de hospitais, ferrovias, linhas de transmissão e de dar socorro à população na seca.

Em um jornal sergipano, notadamente denominado “Jornal da Tarde”, de sábado, 29 de julho de 1933, trazia sugestões de um professor chamado Edgar Teixeira Leite a mando da sociedade dos Amigos de Alberto Torres a serem discutidos no Congresso do Nordeste tais como: pequena açudagem, suprimento da água subterrânea, aproveitando de rios e cursos d’água no combate as secas, irrigação dos terrenos beneficiados pela açudagem e pela água dos rios, financiamento da luta contra as secas, meios de comunicação e transporte e medida de segurança do sertão contra o banditismo (JORNAL DA TARDE, 1933).

Essas preocupações em melhorias nas infraestruturas dos sertões nordestinos surgiram a partir do nascimento de partidos políticos, como por exemplo: o partido progressista, que tinha como ideal político ajudar o homem pobre do sertão a ter educação de qualidade, saúde e melhorias nas produções agrícolas e pecuárias (COSTA, 2011).

Essa luta teve um marco histórico dentro do cenário político sergipano, pois houve uma verdadeira guerra de interesses entre o partido Progressista e partido Conservador. O partido Conservador tinha como principal objetivo manter os costumes antigos; mesmo com tantas lutas para melhorar a qualidade de vida dos sertanejos pobres, o partido Progressista se deu por vencido quando Fausto Cardoso, líder político, foi morto em frente ao palácio Olímpio Campos pelos partidários conservadoristas, travando por décadas o progresso no sertão nordestino sergipano (COSTA, 2011).

Todas estas deficiências na estrutura política e social do país, Brasil, desde a colonização trouxeram de certa forma benefícios para que surgisse o movimento do cangaço como também a geografia que favoreceu por se tratar de uma área isoladamente geográfica possibilitou que este movimento perdurasse por setenta anos nas caatingas. Todos os grupos que participaram deste movimento tiveram importância para a construção da história sobre o fenômeno Cangaceirista dos sertões, mas devido às fontes estarem mais fixadas na história do grupo de Lampião (CHANDLER, 1980).

O dia-dia deste grupo era igual ao dos outros grupos deste movimento, eram compostos por saques a fazendas e a comércios, tiroteios com a volante, matanças e festas quando era possível. O movimento Cangaceiristas prevaleceu nas regiões das caatingas por se tratar de uma vegetação seca e de difícil acesso para aqueles que não

conheciam, favorável para os que conheciam tão bem como os componentes desse movimento que tinham nascido e se criado nessa geografia (CHANDLER, 1980).

Camelo (2001), diz que os cangaceiros em geral tinham um conhecimento aprimorado sobre a região da caatinga, se utilizando praticamente o tempo todo do que a natureza poderia lhes ofertar.

A volante teve que lidar com a geografia do sertão do Nordeste, devido ao cangaceiro ter um conhecimento aprofundado geograficamente, largavam na frente. Eles sabiam imitar praticamente todos os pássaros da região, conheciam ervas medicinais, alimentos nativos, e água (CAMELO, 2011).

O Raso da Catarina, situado no estado da Bahia, foi um ponto marcante para eles demonstrarem seus conhecimentos, pois se tratava de um local de difícil acesso tanto para se locomover devido ao terreno ser acidentado e com poucas possibilidades de água e alimento, dificultando assim por muitas vezes o trabalho de perseguição do volante que não sabia como lidar com essas condições e não tinha conhecimento sobre a área (CAMELO, 2001).

Ainda segundo Camelo (2001), esse desconhecimento da polícia ajudava e muito ao grupo a se manter vivo no Raso da Catarina, já que eles conheciam bem essa área. E muitas das vezes se utilizavam desse conhecimento atrair a volante ou alguém que estivesse a persegui-los para matar muita das vezes sem precisar usar nenhuma força física, apenas deixá-lo morrer de fome e sede perdido em um espaço geográfico que parecia mais labirinto sem saída (CAMELO, 2001).

Viver em uma região de clima seco com pouca água, não ter direito a uma boa educação, não ter condições mínimas que um ser humano precisa ter para viver, tudo isso contribuiu para que o sertanejo e principalmente os cangaceiros que vivam tanto na mata a adquirissem esses conhecimentos sobre sua região (CAMELO, 2001).

Os cangaceiros mesmo com escassez de tantas coisas criaram métodos para sobreviver na caatinga por um bom tempo. Aprenderam a utilizar a água da babata do umbuzeiro para saciar sua sede (CHANDLER, 1980). A fabricar sua própria vestimenta, se bem que essa prática era corriqueira nas áreas rurais não só do sertão, mas de todo o Nordeste, pois até a volante tinha pessoas dentro do corpo militar para confeccionar as vestimentas militares. Com a falta de água, além de não ter para beber, não podia também nem fazer a higiene pessoal, pois, ficavam muitos dias sem encontrar água (CHANDLER, 1980).

Segundo Costa (2011), os cangaceiros não só adquiriam os perfumes, como também alimentação, tecidos, munições e os materiais de higiene pessoal através dos coiteiros, muitas das vezes era fazendeiros ricos que ajudavam os cangaceiros e principalmente ao grupo de Lampião por admiração ou também por medo deles invadirem suas fazendas e saquearem tudo. Ainda segundo o autor também tinha uma categoria de coiteiro que ganhava dinheiro ajudando ao grupo, esses eram vaqueiros pobres que não tinham nada a perder ao contrário só tinham a ganhar. Neto (2008), conta que muitos desses coiteiros tiveram suas casas saqueadas e foram até mortos pelo volante, por ajudar os cangaceiros a viver em seus acampamentos e a ajudar nas fugas da polícia.

É sabido que os cangaceiros travaram várias batalhas contra o volante, carregando equipamentos de aproximadamente 30 kg, incluindo munições e armas, mas o dia-dia dos cangaceiros não se resumiam apenas a roubar, matar e fugir da polícia, eles também tinham um momento de descanso para essas tarefas, e esse momento era quando o grupo ficava em seus acampamentos bebendo, dançando e jogando baralho (CAMELO, 2001).

O único grupo deste movimento que teve participação de mulheres foi o de Lampião. Mas este só veio ter, mulheres participando, anos depois de lutas nas caatingas nordestinas. Então, enquanto não haviam mulheres, os Cangaceiros costumavam dançar entre eles mesmos, homem com homem, mudando essa pratica já próximo do fim deste grupo, quando chega à primeira mulher, a Maria Bonita (CHANDLER, 1980).

No início do movimento, tanto os cangaceiros como os volantes, tinham um dia a dia sofrido não só pela escassez de alimento e água, mas também pela falta de transporte, percorrendo (cangaceiros e a polícia) várias cidades e estados a pé, apenas mais tarde chegam os cavalos (CHANDLER, 1980).

Costa (2011), mostra que Lampião só veio usar veículos apenas em Sergipe, mas ainda andava algumas vezes a pé. Um lugar onde ele passeou de automóvel em Sergipe foi à cidade de Capela, na ocasião ele passeou, mas logo devolveu o veículo ao respectivo dono.

No que se refere a alimentação, propriamente dita, os cangaceiros em geral tinham sua dieta à base de farinha de mandioca, rapadura, carne seca e bebida alcóolica. Os alimentos eram estocados nos acampamentos e sempre em grande quantidade. Por outro

lado, cabe lembrar que a região era propícia a ter muita caça e aves que eram abatidos para a alimentação do grupo. No Raso da Catarina os cangaceiros obtinham da natureza o sal-gema que era utilizado para salgar os alimentos, além de extrair o mel de abelha, que era abundante naquela região (CAMELO, 2001).

Lampião tinha um gosto refinado, ao contrário dos outros cangaceiros, gostava de beber conhaque e se deliciar com queijos importados que ganhava, eventualmente, dos fazendeiros ricos que o acoitavam ou através de saques a propriedades particulares. No depoimento que foi gravado do então governador de Sergipe Eronildes Carvalho em 1937 dizia que ele tinha dado de presentes queijos importados ao chefe do grupo. Lampião também gostava de doces simples como doce de jaca, goiaba, doce de leite e banana que eram adquiridos através de vaqueiros coiteiros (CHANDLER, 1980).

Em uma entrevista concedida pela ex-mulher do cangaceiro Canário em Poço Redondo (SE), ela relata que eles pinicavam a carne em uma panela grande e a deixavam no fogo até a salmoura secar, para colocar a primeira água do cozimento. Ela diz que nenhuma mulher tinha o direito de fazer a comida do grupo (SANTOS, 2007).

Para a religiosidade, a população sertaneja sempre foi conhecida por sua fé e devoção, talvez por suas dificuldades financeiras. Para Camelo (2001), tamanha devoção está atribuída ao sofrimento ocasionado pelo descaso do poder público através do sistema político da época que não permitia melhores condições de vida, e também por sua paisagem natural com uma geografia isolada, na qual não ajudava a esse sertanejo pobre a ter uma melhor qualidade de vida (CAMELO, 2001).

Além desses fatores, também tinham o próprio aspecto religioso proposto pela igreja que passam que tudo era porque Deus quis. Este tipo de mentalidade religiosa não estava presente apenas nas famílias pobres, mas em todo contexto social, os coronéis acreditavam que quanto mais possuía terras mais eles eram abençoados (CAMELO, 2001).

Os cangaceiros não eram diferentes dos demais sertanejos nas suas crenças. Lampião, por exemplo, era de uma família bastante devota e fez sua primeira comunhão aos sete anos de idade na capela de Vila Bela, e em 1912 foi crismado em uma cerimônia realizada na igreja de Floresta-PE. Mesmo com sua entrada no cangaço não deixou a devoção de lado, carregando sempre em seu uniforme, de cangaceiro, a medalha do Padre Cicero, de Juazeiro do Norte (CHANDLER, 1980; NETO, 2008).

### 3.4.2 Lampião, o cangaço e a Paisagem

Notadamente, quando se fala do cangaço logo direcionamos o pensamento ao grupo de Virgulino Ferreira da Silva, “O Lampião”. Este pensamento é normal! Pois o grupo de Lampião ficou bastante conhecido no Brasil por ter conquistado fronteiras geográficas do sertão nordestino, chegando a lugares que até então não haviam sido visitados por qualquer outro grupo do movimento do Cangaceirismo (CAMELO, 2001).

Segundo Neto (2008), o líder deste grupo nasceu em uma fazenda chamada Passagem das Pedras no Sopé da Serra Vermelha, sertão de Pernambuco, em 07 de julho de 1897. Era o terceiro de nove irmãos e tinha como principal função confeccionar artigos de couro para a fazenda.

A prática de fabricar suas próprias roupas era normal no Nordeste, pois o setor fabril era escarço naquela região. Como a maioria das pequenas propriedades do sertão, a fazenda da família de Lampião produzia alimentos apenas para o sustento da família e tinha alguns animais como gado e cabras, sendo que a principal fonte de renda era transportar pele de cabras, algodão, farinha e rapadura (CAMELO, 2001; CHANDLER 1980).

Lampião entrou para o cangaço quando portava apenas dezenove anos de idade em 1916, e o principal motivo tivera sido uma rixa com o vizinho José Saturnino por causa de um roubo de animais em sua propriedade. José Saturnino era um homem influente na sociedade, sua esposa era da elite local de sobrenome Nogueira e ao que consta na história ele tinha um tio chamado Casimiro Honório que era chefe de uma comunidade Cangaceirista bastante conhecida pelos seus trabalhos prestados aos Carvalhos nas suas lutas contra a família Pereira (CHANDLER, 1980).

Segundo Camelo (2001), tudo começou porque um dos moradores da fazenda de José Saturnino chamado João Caboclo roubou uma das cabras da fazenda da família Ferreira. Então furiosos, Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) e seus dois irmãos Antônio e Levino foram prestar queixa ao chefe de polícia da localidade que por sinal era seu tio para resgatar suas cabras. Seu tio foi imediatamente na casa do morador onde também achou objetos de couro que pertenciam à família Ferreira, pois eles tinham a marca da família. As acusações que foram atribuídas à fazenda de Saturnino o deixaram muito furioso a ponto de declarar guerra à família Ferreira.

Deste episódio em diante, as brigas só aumentaram entre essas duas famílias gerando batalhas que causaram dor e sofrimento maior para a família de Lampião, pois

em 1918 a família Ferreira resolveu mudar-se da sua propriedade para um lugar chamado Poço do Negro, esse lugar ficava há umas três léguas ao sul do interior e ficava a mesma distância para Vila de Nazaré, comarca de Floresta (CAMELO,2001).

Para a família Ferreira sair da sua localidade, significava acabarem os conflitos com seu ex-vizinho, porém não foi assim que procedeu, Saturnino tinha parentes em Nazaré e um dia foi à feira com seu cunhado cobrar um dinheiro, Lampião e seu tio o viram e logo resolveram fazer uma emboscada para seu adversário (CHANDLER,1980).

Só que da mesma forma que Lampião e seu tio tiveram a ideia Saturnino e seu cunhado também tiveram, e logo cedo houve um conflito na fazenda da família de Lampião e um amigo de lutas do cangaceiro José Guedes foi ferido pelos homens de Saturnino. Essa batalha foi no mesmo ano da chegada da família de Lampião ao lugarejo e trouxe alguns problemas para as duas famílias, pois o Juiz Adolfo e o Coronel Cornélio Soares decretaram que a família Ferreira não poderia ir mais a Vila Bela e a família Saturnino não poderia ir a Nazaré. E foi a partir desse dia que segundo a história Lampião e seus irmãos Levino e Antônio passaram a não se identificar como um homem comum, mas como cangaceiros (CAMELO, 2001).

Caracterizando-se assim como cangaceiros através da sua vestimenta com aba do chapéu virada para cima, lenços coloridos em volta do pescoço e cartucheiras em volta dos ombros sempre bem armados (CHANDLER, 1980).

Essa atitude dos irmãos causou aflição entre os Nazarenos que por ter parentesco com Saturnino e os Nogueiras não gostavam nem um pouco da família Ferreira estarem circulando na cidade vestidos desta forma e armados, e também porque existia na cidade um código de que ninguém podia circular armado (CHANDLER, 1980).

Essas atitudes provocaram alguns conflitos entre os Nazarenos, a briga mais intensa foi quando os Nazarenos acusaram Lampião e seus irmãos de terem participado de assaltos na província. Com essas acusações a família de Lampião resolveu ir embora de Pernambuco para a Comarca de Água Branca no estado de Alagoas, quem escolheu o estado foi Lampião e seus irmãos porque seu tio Antônio Matilde estava morando lá protegido por um dos coronéis Dr. Ulysses Luna (NETO, 2008).

Essa mudança para o estado de Alagoas ocorreu em 1920, à família Ferreira já não possuía quase nada, morando assim de aluguel em uma propriedade num lugar chamado Olho d'água. E mesmo em um lugar longe de Pernambuco a família Ferreira

não teve sossego e logo atribuíram tanta desgraça a Saturnino alegando que ele tinha mandado avisar que eles eram bandidos e isso fazia a raiva de Lampião crescer para com a família Nogueira levando a ir algumas vezes a Pernambuco na intenção de vingança com o chefe do grupo de cangaceiros Sebastião Pereira que também tinha rixas com seus adversários (CHANDLER, 1980). Segundo Camelo (2001) foi em Alagoas que Lampião e seus irmãos deram os primeiros passos para o cangaço.

A entrada de Lampião no cangaço está atribuída à morte de seu pai, segundo ele quando Lampião era questionado sobre o porquê da sua entrada para o movimento ele dizia que era por causa da morte do seu pai um homem calmo e de bom caráter. Que depois deste episódio passou a não se vestir apenas como um cangaceiro, mas a praticar as atividades de violência pelos estados do Nordeste, exceto no Ceará terra do Padre Cicero no qual era devoto (NETO, 2001).

Segundo Costa (2011), a chegada de Lampião as terras sergipanas foi uma estratégia arquitetada por ele na tentativa de fugir da polícia baiana, pois um ano antes de sua chegada a Sergipe Lampião saiu de Pernambuco em uma pequena embarcação pelo rio São Francisco, na intenção de se esconder nas caatingas do Raso da Catarina no estado da Bahia.

Chegando à Bahia Lampião passou alguns meses sem cometer crimes, mas em dezembro de 1928 cometeu alguns crimes, que o levaram a esquematizar um plano de fuga pelas terras sergipanas atravessando o riacho Xingozinho que ficava próximo a uma vegetação de caatinga fechada e seria difícil a polícia baiana encontra-lo (Góis, 1966; Costa, 2011).

Em terras Sergipanas logo saiu com seus homens para a cidade de Poço Redondo (GÓIS, 1966).

Em Poço Redondo, a cidade que anos mais tarde seria o local de sua morte. Ao que consta no livro de Chandler (1980), Sergipe foi um bom lugar de descanso para Lampião até próximo a sua morte em Angicos, por se tratar de um estado onde o cangaceiro tinha amizades influentes na política local. Uma dessas amizades era com a família Carvalho que tinha um membro como governador de Sergipe em 1937, Eronildes de Carvalho (CHANDLER, 1980).

Porém nem Eronildes de Carvalho pôde livra-lo da sua sentença de morte, já que em 28 de julho de 1938 Lampião e mais nove cangaceiros viera morrer na fazenda Angicos no município de Poço Redondo cidade que por ironia da vida foi a que ele mais

se sentiu acolhido. Lampião chegara a esta fazenda alguns dias antes da sua morte e montou acampamento ao longo do riacho de Tamanduá, cujas águas corriam entre duas colinas íngremes; o rio ficava a uns poucos quilômetros de distância (CHANDLLER, 1980).

Lampião escolheu este lugar por causa da sua vegetação que era cheia de espinhos e trazia dificuldades para se locomover nela. Conforme o costume do líder do grupo, os cangaceiros tinham a intenção de passar poucos dias no local, com todo conforto possível. Juntos com suas mulheres o grupo construiu pequenos barracos e latadas de galho que de arvores para se protegerem da neblina e da chuva, pois era inverno (CHANDLLER, 1980).

A finalidade da sua hospedagem na fazenda Angicos era por causa de um encontro que ele tivera marcado entre dois grupos que operavam sob seu comando. Segundo Ângelo Roque, cangaceiro que liderava um dos bandos de Lampião na Bahia, chegou a dizer ao líder do grupo que a fazenda Angicos era muito perigosa para se acampar, porque só existia uma saída de fuga caso fossem atacados (CHANDLLER, 1980).

Entretanto, Lampião não deu ouvidos porque acreditava muito em seu amigo, o coiteiro Pedro Cândido, que dissera ter ouvido um anúncio de Aniceto dizendo que iria para a cidade de Pedra se juntar com Bezerra para procura-lo mais distante de Piranhas, deixando assim, Lampião e seu bando bem despreocupados de uma represaria. Contudo, o que Pedro Cândido não sabia é que era uma estratégia arquitetada pelo Capitão João Bezerra e o sargento Aniceto, para atacar o grupo desprevenido (CHANDLLER, 1980).

E foi justamente assim que aconteceu, Aniceto e Bezerra mandaram dois soldados irem a Entre Montes, povoado onde Cândido morava para que ele fosse obrigado a dizer onde exatamente estavam acampados os cangaceiros. Torturado, Pedro Cândido disse onde estavam acampados e foi obrigado a ir juntamente com seu irmão mais novo para mostrar a Aniceto, Bezerra e mais 45 soldados o local em que Lampião e seu grupo estavam acomodados. Ao chegar ao local os soldados se dividiram em quatro grupos na vegetação densa, e devagar começaram a cercar o acampamento (CHANDLLER, 1980).

Segundo depoimentos de Pedro e da própria polícia os cachorros não ladraram, talvez porque naquela noite chovia e eles estavam mais preocupados em se abrigarem. E aos primeiros raios de sol os soldados perceberam que estavam bem perto dos

cangaceiros. Pois podiam ouvi-los falando, porém, um cangaceiro percebeu que tinha algo errado e logo fez sinal para os outros.

Estavam desprevenidos. Assim a polícia alagoana acabou vencendo a batalha de 28 de julho de 1938, desmantelando o grupo, e matando Lampião (Chandler, 1980). O ataque durou somente vinte minutos. O acampamento estava como uns 60 cangaceiros, mais de 40 conseguiram fugir, somente onze, dentre eles Lampião e sua esposa Maria Bonita, foram mortos. Seus pertences foram saqueados pela polícia, e por quem chegava primeiro (CHANDLER, 1980).

#### 4. GROTA DO ANGICO – LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO AMBIENTAL

##### 4.1 Localização da Grota do Angico

A Grota do Angico está localizada no município de Poço Redondo (Figuras 1 e 2). O município supracitado insere-se na mesorregião do Sertão Sergipano e na microrregião Sergipana do Sertão do São Francisco, extremo Noroeste do estado de Sergipe; distante em cerca de 140 km da capital do estado, Aracaju. A cargo de informação, o município de Poço Redondo faz divisa com os municípios de Canindé de São Francisco, Monte Alegre de Sergipe e Pão de Açúcar de Alagoas. Possui uma área de 1.232 km<sup>2</sup> e, conforme o Censo 2015, 33.757 habitantes (CIDADE-BRASIL, 2016).

**Figura 1.** Vista da entrada do Município de Poço Redondo



(Fonte: Acervo da autora, 2016)

**Figura 2.** Localização de Poço Redondo, em Sergipe – Brasil.



(Fonte: Wikipédia, 2016).

O acesso à Grota de Angico (figuras 3 e 4) pode ser feito através da fazenda de Angicos. Onde se pode ser feito a mesma trilha que Lampião, Maria Bonita e seu grupo fizeram, para chegar ao local em que levantaram acampamento, e foram emboscados pela polícia alagoana em 1938 (SANTOS,2007). Como também pode ser realizado através de um passeio de barco, partindo do município de Piranhas, em Alagoas (figura 5)

**Figura 3.** Vista parcial da estrada de acesso à Grota do Angico, pelo município de Poço Redondo – SE



(Fonte: Acervo da autora, 2016)

**Figura 4.** Vista parcial do portal de entrada da Grota do Angico pelo município de Poço Redondo – SE



(Fonte: Acervo da autora, 2016).

**Figura 5.** Passeio de barco para a Grota do Angico através do Rio São Francisco, Piranhas – AL



(Fonte: Joao de Sousa Lima, 2012)

## 4.2 Caracterização Ambiental

### 4.2.1 A unidade de conservação e as ambientações turísticas

Uma das unidades de conservação criadas recentemente da Caatinga no estado de Sergipe é o Monumento Natural Grota do Angico. Sua criação foi baseada no valor histórico-cultural. Além disso, a região tem importante valor biológico, já que abriga remanescentes florestais de Caatinga com alta diversidade florística e faunística (RIBEIRO, 2007).

A Unidade de Conservação Estadual Monumento Natural Grota do Angico abrange uma área de 2.183 hectares, correspondendo aproximadamente à 0,1% do território Sergipano. Está situada no Alto Sertão, nos Municípios de Canindé de São Francisco e Poço Redondo, com limite ao Norte com o Rio São Francisco (SEMARH, 2009).

Conforme Silva (2010), este monumento é de domínio público e privado, com gestão estadual que administra o plano de manejo da unidade de conservação. Assim, na parte do município de Poço Redondo foi criado um parque ecoturístico, o Cangaço Eco Parque. O Cangaço Eco Parque fica no município de Poço Redondo-SE e conta com trilhas ecológicas.

Entretanto, a atração principal se trata de um passeio de Catamarã que sai do município de Piranhas-AL até a Rota do Cangaço, trilha realizada pelo volante militar, que procurava por Lampião. A Rota do Cangaço leva até a Grota de Angico, local em que a saga de Lampião teve o triste fim. O trajeto é conduzido por guias turísticos, vestidos tipicamente de cangaceiros. Após o circuito, os turistas podem terminar o passeio banhando-se ao rio São Francisco, ou ainda experimentar as comidas típicas (geleia de xique-xique, doce de coroa de frade, bala de doce de leite) em restaurantes locais.

A Rota do Cangaço acessada através do município de Piranhas, Alagoas. Navega-se por cerca de 12 km pelo São Francisco até a Vila de Entremontes, com uma parada nas rendeiras que fazem bordado conhecido como redendê. O barco então retoma até o restaurante de Angicos, e dali são mais 700 metros até a Grota de Angico. Cabe dizer que esta rota é operada por diversas agências de turismo.

Há uma terceira opção que é ir de voadeira barco pequeno que cabe até seis pessoas. As voadeiras ficam à beira do rio São Francisco, em qualquer momento se pode solicitar uma viagem à Grota de Angico, com maior liberdade e exclusividade.

#### 4.4.2 Características fisiográficas, hidrogeológica e geológica

De acordo com os dados da Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos de Sergipe (SEMARH) o Monumento Natural Grota do Angico existe uma expectativa de ampliação da lista de espécies, o que atesta a grande biodiversidade preservada nesse reduto da Caatinga (SEMARH, 2016). A proteção desse sítio ecológico e histórico representa um grande avanço do estado rumo à conservação da Caatinga, bioma historicamente pouco estudado, e que hoje tem sua riqueza reconhecida (FERRI, 1980; SEMARH, 2016).

A Caatinga é a vegetação típica do sertão sergipano. Na área do parque, Monumento Natural Grota do Angico, ocorrem duas variações deste bioma (Caatinga), a hipoxerófila e a hiperxerófila (BRAGHINI, 2009). A Caatinga hipoxerófila é caracterizada por ocupar solos profundos que cobrem rochas sedimentares, como areníticas e calcárias, em relevo predominantemente plano. Formadas em maioria por árvores de pequeno a médio porte, e suas principais espécies são Angico - que dá nome a grota aqui estudada, Aroeira, catingueira, urtiga, mandacaru, dentre outras aqui não citadas (NASSIF, 2011). A Caatinga hiperxerófila ocupa, geralmente, solos rasos que cobrem o embasamento cristalino, como, por exemplo, os granitos, gnaisses, quartzos e micaxistos, em relevo relativamente ondulado. Por este motivo, a Caatinga hiperxerófila apresenta atributos mais secos, abundantemente cactáceas, como, por exemplo, xique-xique e favela (NASSIF, 2011).

Para a área da Unidade de Conservação Monumento Natural Grota do Angico, nos estudos preliminares para implantação do parque, foi observado em regiões próximas, municípios de Canindé de São Francisco e mesmo Poço Redondo, que há formações primárias de vegetação com altura entre 5 e 8 metros de altura intercalado com o substrato arbóreo, em morros e platôs e associados a córregos intermitentes (RIBEIRO et al, 2007).

Em termos geológicos, no município de Poço Redondo, pode-se distinguir dois domínios hidrogeológicos: Cristalino e Metassedimentos/ Metavulcanitos, o primeiro ocupando aproximadamente 80% do território municipal. Os Metassedimentos/ Metavulcanitos e o Cristalino têm comportamento de “aquífero fissural”. Como basicamente, não existe uma porosidade primária nesse tipo de rocha, a ocorrência da água subterrânea é condicionada por uma porosidade secundária, representada por

fraturas e fendas, o que se traduz por reservatórios aleatórios, descontínuos e de pequena extensão (BOMFIM, 2002).

O contexto geológico do município está representado predominantemente por litótipos dos domínios neoproterozóico e mesoproterozóico da Faixa de Dobramentos Sergipana. No extremo norte, ao longo do Rio São Francisco, ocorrem pequenas manchas de depósitos aluvionares. Na porção norte, afloram leucogranitos (Granitóides tipo Xingo), dioritos, granitos e monzonitos (Granitóides tipo Curralinho), ortognaisses graníticos (Granitóides tipo Garrote), e gabros, microgabros, diabásios, troctolitos e ultramafitos da Suíte Intrusiva Canindé (BOMFIM, 2002).

Dentro deste contexto, em geral, as vazões produzidas por poços são pequenas e a água, em função da falta de circulação, dos efeitos do clima semiárido e do tipo de rocha, é, na maior parte das vezes, salinizada. Essas condições definem um potencial hidrogeológico baixo para as rochas cristalinas sem, no entanto, diminuir sua importância como alternativa de abastecimento nos casos de pequenas comunidades ou como reserva estratégica em períodos prolongados de estiagem (SECRETARIA, 2005).

No que se refere a clima, a Unidade de Conservação está inserida no polígono das secas, com um clima Megatérmico semiárido. A temperatura média anual deste clima é de 25,5 °C e sua precipitação pluviométrica é de, aproximadamente, 605,2 mm, o período chuvoso é de março a julho. O relevo é representado por superfícies pediplanadas e dissecadas, em formas de colinas e tabuleiros, com aprofundamento de drenagem de muito fraca a fraca (SEPLANTEC, 1997; 2000). A Unidade de Conservação está inserida na bacia hidrográfica do rio São Francisco, cuja drenagem principal é constituída, além do rio São Francisco, pelos rios Jacaré e Marraquinho (BOMFIM, 2002).

## **5 METODOLOGIA**

O presente trabalho foi realizado como uma pesquisa bibliográfica e exploratória de modo qualitativo, baseada na relação entre o que existe na literatura sobre a história do cangaço e o que alguns dos principais participantes da história local sabe e passa aos visitantes da história de Lampião e Maria Bonita.

Tendo em vista a escassa bibliografia relacionada aos desafios no desenvolvimento turístico, inicialmente foi levantada e analisada bibliografia teórica, relacionada ao tema

proposto nesta pesquisa. Para esta atividade, foram utilizados os espaços destinados a pesquisa da Universidade Federal de Sergipe - UFS, a saber, a biblioteca BICEN.

Os trabalhos de gabinete ocorreram entre a data de 25.07.2016 e 22.09.2016, sendo utilizada a sala do laboratório e a biblioteca da Universidade Federal de Sergipe para a pesquisa bibliográfica.

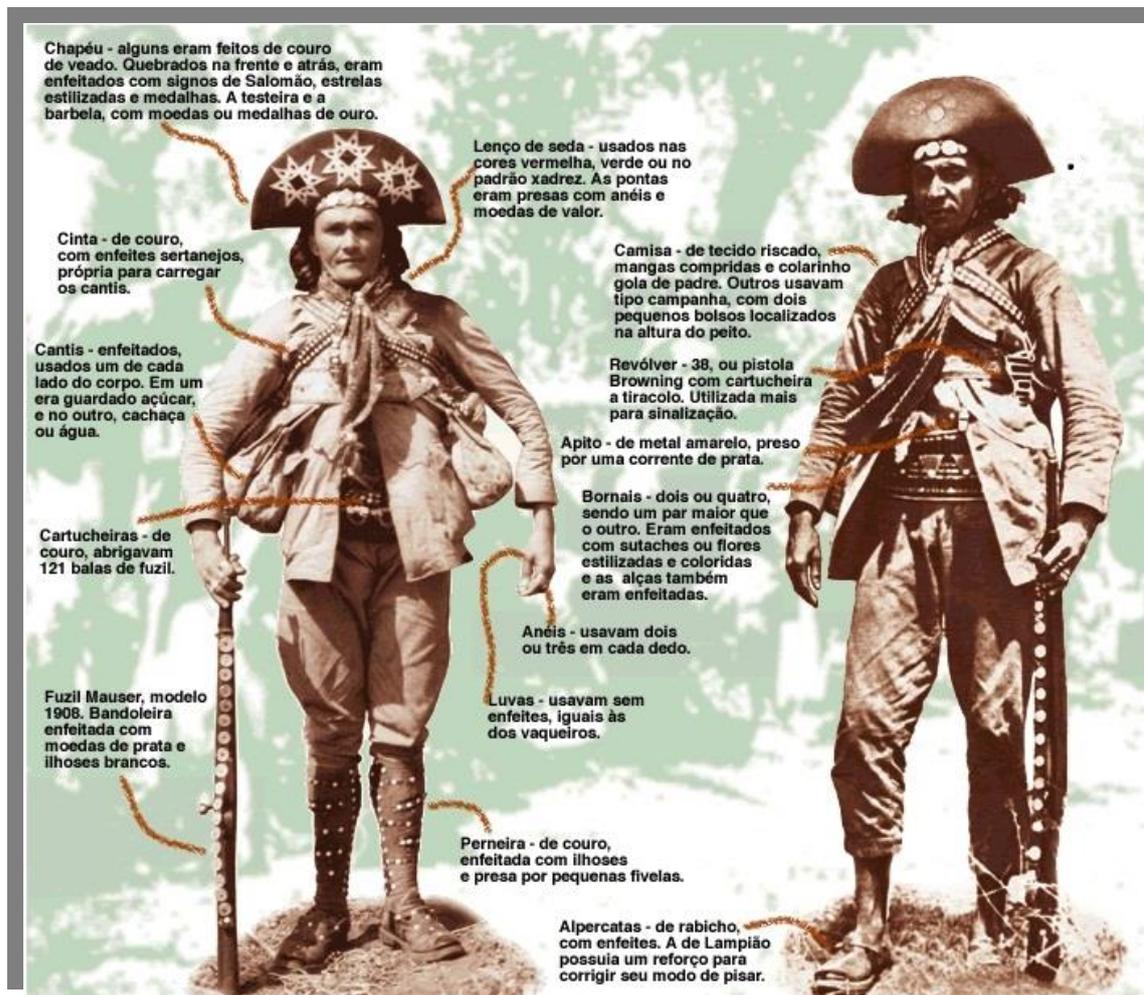
No dia 07 de agosto de 2016, também foi realizada uma pesquisa de campo para registrar fotograficamente, coletar informações e perceber as dificuldades e possibilidades do local, a começar pelos acessos e terminar no local (Grotta do Angico-SE) em que Lampião (Virgulino Ferreira da Silva), Maria Bonita (Maria Gomes de Oliveira) e seu bando foram emboscados.

Durante a saída a campo, foi entrevistado, de maneira não-estruturada, guias e moradores locais. Participaram da entrevista os senhores Robson Pereira, vendedor, 25 anos e natural de Tabira - PE; Ezequiel de Sousa, Vidraceiro, 36 anos e natural de Aracaju - SE, James Cardozo, guia turístico, 30 anos e natural de Nossa Senhora da Glória – SE, e a agente de turismo Simone de Souza dos Santos, 35 anos e natural de Piranhas-AL no museu do cangaço em Piranhas-AL. Todas as conversas foram registradas sob consentimento dos entrevistados.

O percurso até os principais pontos turísticos foi enfeitado pelo ambiente seco característico da caatinga e pelo rio São Francisco que banha a região. Roupas típicas dos cangaceiros (composta de chapéu, lenço, punhais, túnica, cobertas, bornais, cartucheira, calças, perneira e alpercatas), enfeitadas como era possível, podem ser apreciadas nas principais quitandas (local onde vende roupas típicas do cangaço) além de algumas réplicas das armas artesanais usadas pelos cangaceiros, sem deixar de lado a culinária maravilhosa como o tucunaré frito com arroz, feijão de corda e salada.

Nesse contexto, um modo mais simples de conhecer as vestimentas dos cangaceiros é observando a Figura 6 na qual são expostos os principais ornamentos e partes do traje típico do cangaço, sendo esses uma moda criada pelos próprios cangaceiros.

**Figura 6.** Traje típico dos cangaceiros com os diversos adornos e enfeites cuidadosamente feitos



(Fonte: Jornal 9, 2016).

## 6. RESULTADOS

### 6.1 Análise das Entrevistas

Para um melhor embasamento e desenvolvimento do estudo sobre a temática de que trata essa pesquisa, buscou-se inicialmente dialogar com alguns representantes e visitantes da Grota do Angico em Poço Redondo- Sergipe e Piranhas- Alagoas sobre a história de Lampião e seu bando, o turismo e a arqueologia. Neste sentido, o senhor Robson, este vendedor e turista do município de Poço Redondo- SE, relatou que os moradores mais velhos contam que a história de Lampião ter morrido está baseada em mitos e mentiras; descreveu que estes antigos moradores dizem ser uma maneira que o próprio Lampião tramou para poder viver o resto da vida em paz.

Quando questionado sobre a possibilidade de melhoria do acesso a grota do angico por Poço Redondo- SE, o mesmo descreveu que essa mudança poderia comprometer aspectos históricos, naturais do ambiente e por isso essa não seria uma boa ideia.

No entanto, o senhor Ezequiel, vidraceiro e turista, descreveu que uma deficiência encontrada por todos é somente a falta de sinalização nas estradas até a fazenda onde fica a grota, sendo que as estradas também apresentam estado de deterioração que devem ser levados em conta, necessitando reparos (Figura 7), mas, de certo modo, não comprometam seus aspectos naturais. Ezequiel explicou que o vandalismo provoca a formação de buracos nas estradas e a remoção da sinalização, dificultando o acesso dos turistas até o local. Esse fato é reforçado pelo guia turístico, o Sr. James Cardozo, o qual ainda acrescentou o fato do lugar ser misterioso e hostil, gera um ambiente adequado a proliferação de vândalos.

**Figura 7.** Estrada para a Grota do Angico.



(Fonte: Acervo da autora, 2016).

Segundo o Guia Turístico, James Cardozo, o ambiente é preservado por decreto estadual desde 2007 e por isso não é permitido o desmatamento da mata, ou qualquer outra intervenção. O Sr. James assinala que os prédios da entrada da Grota também foram construídos nesse ano e, graças a essa parceria do governo, foram feitos estudos ambientais nos quais foi encontrada uma relíquia, a arma de um cangaceiro, no ano de 2015, sobre uma maloca de pedra perto do local do combate da polícia volante com os cangaceiros. Sendo que essa relíquia foi inicialmente enviada para um especialista avaliar, após essa averiguação, a constatação da veracidade do fato supracitado. A arma se encontra na sede da fazenda Angicos. Segundo informações dos historiadores locais (os habitantes mais idosos) essa arma foi deixada durante o tiroteio por um dos cangaceiros.

Nesse contexto, o Sr. James relatou acreditar na existência de muitas outras relíquias (Figura 8), escondidas em meio as rochas. O mesmo ainda descreveu que existem também outros arqueólogos que estão procurando dentro do rio, sendo que já foi encontrado um pote

da época dos índios. O senhor James descreveu que os arqueólogos são brasileiros e estrangeiros, como, por exemplo, a presença de um inglês.

**Figura 8.** Relíquias do tempo do cangaço. Museu de Serra Talhada - PE



(Fonte: Adriano Santos, 2016).

Quando questionado sobre a história do cangaçeirismo, o Sr. James fez a seguinte narrativa:

“O cangaço surgiu no final do século XVIII. O cangaço foi criado com a intenção de deixar claro que você não era obrigado a fazer o que não queria. O cangaço surgiu para mudar, digamos assim, a trajetória de vida que muitos nordestinos tinham, pois, o cangaço não recebia ordem de coronel nenhum que eram os soberanos da época né? Então o cangaço surgiu para mudar esse sistema.

O Lampião entra no cangaço como muitos dizem para vingar a morte de seu pai, mas isso não é verdade porque Lampião nunca vingou morte de seu pai. Lampião entra para o cangaço porque toda vida ele foi de briga, nunca levou desaforo para casa e ele sempre quis entrar para o cangaço, então ele aproveitou o embalo da morte do seu pai para entrar para o cangaço para usar como desculpa que estava vingando a morte do seu pai, ele tem um propósito.

Para a sociedade aceita-lo como herói Lampião matou, espancou e estuprou, mas a sociedade entendeu como se ele tivesse vingando a morte do pai, pois naquela época era normal se um familiar morresse, assassinava um parente do que matou para vingar sua morte. Então a sociedade o via como um herói e não como um bandido.

Lampião já nasceu inteligente, não precisou estudar, não é à toa que em 1926 se tornou o maior líder do movimento do cangaceirismo. Nessa mesma época, Lampião foi convidado pelo padre Cicero, este foi o maior coronel de todos, padre Cicero foi um dos maiores políticos da época. Com seu poder político o padre chamou Lampião para combater a coluna Prestes, mas na verdade a intenção do padre Cicero era que Lampião e a coluna Prestes se alto destruíssem; só que lampião de besta não tinha nada...pegou a patente de capitão e as armas e deu nome ao cangaço, ainda disse ao padre Cicero que Júlio Prestes não tinha os mesmos ideais dele.

Já em 1927, Lampião vai a Mossoró onde ocorreu a primeira derrota do cangaço, pois ele é derrotado em Mossoró indo buscar abrigo na Bahia. Já em 1930 foi quando o cangaço mudou suas regras colocando a primeira mulher no cangaço e logo após entra outras mulheres no cangaço aí muda todo o cangaço, pois Maria Bonita torna o cangaço menos cruel, pois acaba aquelas ondas de estupro, de assassinos cruéis e de morte, mas isso enfraquece o cangaço, pois a volante aproveita as manobras que Lampião tinha que dar para manter as mulheres, pra manter aquele convívio pacífico e a volante vendo isso começa a chegar mais perto do cangaço, devido as manobras para deixar as mulheres mais confortáveis.

Em 1938 com a traição de Joca Bernardes que entrega Pedro de Candido que era coiteiro, que era dono dessas terras do Angico. Quando Joca Bernardes entrega Pedro de Candido com raiva porque Pedro recebia ouro dos cangaceiros e moedas interinas dos estrangeiros ele é ameaçado e torturado pelo volante e sem aguentar mais leva a volante do tenente João Bezerra até a grotta onde estão os cangaceiros.

No dia anterior na quarta-feira à noite Lampião tinha dado uma festa para seu grupo e na quinta-feira a volante chega com 40 homens armados de mosquetão e três metralhadoras de fabricação Alemã e mata Lampião, sua mulher, mais nove cangaceiros, dando início ao fim do cangaço porque só morreram 11 aqui e sabemos que o grupo era muito maior.

Na verdade, no dia tinha 35 cangaceiros, mas 24 inclusive Zé Sereno que tinha o corpo todo tatuado e dizia que só morria se fosse degolado conseguiram

passar disfarçados pelo volante. Corisco não estava no combate, mas dias depois veio vingar a morte do capitão e dos outros.

Corisco vai atrás de Jocas Bernardes que foi o cara que entregou Lampião e pergunta a ele quem foi que entregou Lampião, só que se o Joca dissesse que foi ele, o Corisco ia mata-lo, aí ele para se safar disse que tinha sido uma família de Alagoas da fazenda PATOS que não tinha nada a ver, morreram decapitados inocentemente por Corisco só ficou o recém-nascido porque uma cangaceira pediu clemencia.

Ele leva as cabeças da família e entrega lá em Piranhas para o tenente João Bezerra fazer uma buchada, pois ele estava vingando a morte do capitão. Em 1940 Corisco é morto na Bahia acabando assim com o legado do cangaço que já tinha 160 anos de história. Mas até hoje o cangaço está presente e as brigas também, porque olhe, na semana agora da missa da morte de Lampião teve uma briga da poxa aqui porque tiraram a placa que indicava a morte de um soldado que morreu em confronto com o bando, ninguém sabe quem fez isso, mas no dia foi uma briga de alguns historiadores presentes que dizia que ele não tinha sido morto aqui e outros já diziam que sim. Esse lugar ainda traz muita rivalidade nunca vi! Só sei de uma coisa... muita coisa errada ainda precisa resolver”.

Quando questionado sobre o papel da arqueologia como solucionadora das perguntas que ainda estão sem respostas o senhor James descreveu que é muito importante, citando como exemplo a descoberta de um porto nesse lugar, descoberto por ter encontrado um naufrágio do século XVII, mas que ainda não se sabe para que servia esse porto e quais mercadorias traziam, sendo que nessa busca, com certeza, deve melhorar o conhecimento sobre o cangaceirismo.

Nesse ponto ele descreveu, que no local onde estão as cruzes com as placas indicando os nomes dos cangaceiros (Figura 9) é um verdadeiro marco histórico. Podendo-se dizer que é o maior marco deixado no Nordeste brasileiro com uma história que ainda necessita ser ajustada.

Ao relatar sobre a paisagem, no tempo da morte dos cangaceiros, James disse que naquela época chovia muito e no ponto onde foi feita a entrevista existia muita água, como exemplo ele citou o fato de que um poço, chamado Tamanduá, tinha água de um minador. Sendo assim, havia muita água na paisagem, num contraste com a atual paisagem seca. Pelo

que se conta em 1983 toda a paisagem foi queimada para fazer carvão, sendo que as cruzes que poderiam ser vistas de longe.

**Figura 9.** Cruzes do local da morte dos cangaceiros.



(Acervo da autora, 2016).

O senhor James ainda acrescentou que na verdade as cruzes eram de bronze e o motivo foi que, segundo os historiadores, o tenente João Bezerra se arrependeu do feito e como remediação fez uma homenagem para Lampião e os cangaceiros, trazendo uma cruz de bronze. No entanto a cruz foi retirada quando a filha e a neta de Lampião ganharam na justiça o direito as cabeças de Lampião e Maria Bonita. Por isso tiraram a cruz de bronze e hoje estar na Universidade Federal de Sergipe.

No entanto, as cabeças de seus pais estão com ela na casa dela. Segundo os historiadores quando a volante matou os cangaceiros, se ouvia de longe eles gritando “matei Lampião! ”. A população local, ouvindo isso, partiu com medo do volante dizer que eram coiteiros e com medo dos outros cangaceiros vingarem a morte deles. O mesmo ainda acrescentou que o ambiente é tão misterioso e com tantas histórias tristes que alguns turistas quando vem aqui dizem que ficam arrepiados, que sentem um peso quando estão aqui.

Quando interrogado sobre o turismo no local o senhor James relatou que durante muitos anos ninguém visitava a Grota do Angico, mas após a repercussão da novela “CORDEL ENCANTADO”, transmitida pela rede globo de televisão, o turismo explodiu, a partir desse momento ocorreu a criação dos catamarãs, trilhas, entre outros atrativos. Somando a esse fato a MFTUR (Empreendimentos e serviços) produziu um comercial o qual

passou na rede globo mostrando o Canyon do Rio São Francisco e a trilha do cangaço (Figura 3), gerando com isso um crescimento acentuado, sendo mais tarde colaborado pela criação do eco parque o qual já foi até reportagem nos Estados Unidos da América.

Ele ainda descreveu que com a atual novela “Velho Chico”, embora o país esteja em crise, na Grotta do Angico ninguém nem sabe o que é crise e o setor de turismo gera milhões de reais por ano. Todos os dias da semana chegam viajantes de diversos lugares do mundo, vindo até de avião particular, passando pelos catamarãs e pelas trilhas. São turistas do Japão, Alemanha, entre outros países.

Em outra entrevista realizada na cidade de Piranha-Al, a senhora S.S, uma das Agentes de Turismo do Museu do Sertão Piranhas-Al, descreveu que com o decreto do Monumento o Turismo na Grotta do Angico melhorou muito nos últimos anos. A mesma descreveu que foi de alagoas que saiu a volante que matou o cangaceiro, Lampião é o principal responsável pelo movimento do turismo da região e que embora o Rio São Francisco tenha um Canyon tão formoso, sem ele não teria o mesmo impacto de hoje.

A senhora S.S relatou uma grande problemática, que é o fato de que o número de pousadas na região não estarem conseguindo atender a grande demanda existente na região, além da insuficiente infraestrutura da cidade, a qual não foi projetada para a densidade atual de visitantes que cresce seja pelo fato cangaço, seja pela mídia. Ela ainda descreve que existe um projeto de uma minissérie baseada em um Livro de uma autora francesa denominado “O CANGACEIRO E A COSTUREIRA”. Com a execução desse projeto com atuação de atores globais a demanda do turismo só tende a crescer, no entanto o que a cidade demonstra é que ainda não estar preparada para isso.

Um ponto de grande importância descrito pela Agente de Turismo é que embora exista a exploração do turismo na Grotta do Angico, essa exploração é muito deficiente e precária. Com isso ela deixa um alerta aos Sergipanos, porque embora a Grotta do Angico esteja em terras sergipanas ela é mais explorada pelos alagoanos, onde a cidade de Poço Redondo deveria fazer mais investimento nesse setor tão rico, sendo que ela é uma cidade tão pobre.

Conversando sobre as modificações da paisagem tanto em Poço Redondo quanto em Piranhas a senhora S.S descreveu que ocorreram modificações dos dois lados, sendo que a rota verdadeira é feita pelos catamarãs e pelos barqueiros locados, mas a MFTUR abriu uma nova passagem ao lado de Angico para chegar até a Grotta. No lado de Alagoas foram inseridas frutas que não são parte do cenário original, porque a vegetação verdadeira é a caatinga, plantas medicinais como a aroeira, a catingueira rasteira e o bonome, sendo que no

momento o cenário é totalmente tropical, ou melhor de sítios, pois tem mangueiras, cajueiros, entre outras.

Em decorrência de todos esses fatos supracitados é impossível não perceber a atuação marcante e importante do turismo arqueológico como um diferencial de desenvolvimento local das diversas cidades citadas. No entanto, se percebe também a necessidade de uma política de incentivo a esse tipo de negócio, para que esse setor possa ser um agente transformador da realidade de algumas cidades as quais a atividade econômica ainda estar baseada na agricultura familiar e latifundiária.

## **6.2 Principais Problemas Identificados**

No desenrolar do trabalho foram encontrados alguns problemas que ancora o decolar do desenvolvimento do turismo arqueológico na região, sendo que as descobertas desses problemas só foram possíveis em decorrência da ida a campo, a saber:

- Deficiência na prestação de serviços de transporte público adequado;
- Pouca diversidade na oferta de trabalho e renda;
- A presença de desmatamento nas áreas próximas a Grota do Angico;
- Deficientes serviços de segurança pública aos finais de semana e feriados
- Ausência de transporte turístico regular e de sinalização turística nas vias de acesso a Grota do Angico;
- Deficiente sinalização educativa;
- Inexistência no controle e monitoramento de serviços turísticos;
- Inexistência de capacitação turística;
- Inexistência de dados estatísticos sobre os visitantes;
- Baixo nível de capitalização dos comerciantes;
- Ausência de serviços de corpo de bombeiros (salva vidas) aos finais de semana;
- Baixa oferta de estacionamento para veículos e ônibus de visitantes;
- Apatia por uma parcela da comunidade residente sobre a atividade turística;
- Baixa integração entre os distintos atores relacionados com a atividade turística;

Uma vez estabelecidos os problemas que identificam a situação da atividade turística da Grota do Angico – SE, se faz necessários procurar levantar e identificar também

as oportunidades e possíveis soluções, no intuito de agregar tanto os problemas gerais como turísticos.

As ações a serem desenvolvidas figuram várias frentes tais como: a de cultura turística, cultura ambiental, organização territorial, infraestrutura comunitária e turística.

Nesse contexto, se faz interessante ressaltar os dados de que enquanto a cidade de Poço Redondo – SE não recebe verba do governo a qual possa ser investida no turismo, na cidade de Piranhas – AL, em um levantamento dos repasses da secretaria de estado da infraestrutura (SEINFRA), é possível encontrar que no ano de 2011 até o ano de 2012 foram investidos R\$ 521.953,89 dos quais somente R\$ 12.384,14 foram da prefeitura sendo o restante da SEINFRA, sendo que a previsão é que até 31-12-2016 o Governo Federal repasse para a cidade de Piranhas-AL R\$19.084.432,44. Sendo esse valor relacionado ao turismo como tal é possível entender a diferença do que significa a busca por melhor qualidade de vida e uma gestão eficiente.

Assim sendo, o turismo baseado na história do cangaço gera fonte de renda para a população da cidade de Piranhas – AL, como é possível analisar nas imagens seguintes, sendo que desse mesmo modo pode ser aplicado na cidade de Poço Redondo, garantindo assim o desenvolvimento local através do turismo arqueológico.

**Figura 10.** Museu do Sertão de Piranhas- AL.



(Acervo da autora, 2016)

**Figura 11.** Cigarreira de Prata que pertenceu a Lampião, acevo do Museu do Sertão de Piranhas- Al.



(Acervo da autora, 2016).

**Figura 12.** Foto da Faixada do Centro de Artesanato de Piranhas- Al.



(Acervo da autora, 2016).

**Figura 13.** Interna do prédio do Centro de Artesanato de Piranhas- AL.



(Acervo da autora, 2016).

**Figura 14.** Artesanato de Piranhas- AL.



(Acervo da autora, 2016).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiro que tudo, os grupos do cangaço não somente habitaram a região do Sertão Nordeste, como também fizeram parte da paisagem desta zona. Segundo Camelo (2001) foi exatamente a configuração de relevo dos tipos variados de formações vegetais e do clima semiárido, acompanhado de um sol escaldante que juntos deram o caldeamento das criações imaginárias daquela gente sertaneja.

Sua importância não se deve apenas ao valor histórico e cultural, mas também pela sua riqueza biológica. A região foi alvo da rota do Cangaço e foi o cenário da morte do maior ícone deste movimento, Virgolino Ferreira, o Lampião, além de sua companheira Maria Bonita e outros nove cangaceiros, em 28 de julho de 1938 pela polícia volante de Alagoas. (Fernandes, 2012).

Os cangaceiros da comunidade de Lampião por causa dessas crenças criadas através do imaginário popular e também por causa da geografia não foi em certos ambientes do sertão Nordeste. A chapada do Araripe localizada no oeste e meio do norte do estado de Pernambuco onde faz fronteira com o Piauí foi um dos lugares que nenhum grupo de cangaceiros explorou, isso porque eles partilhavam da mesma crença popular de que nenhuma pessoa obteria sucesso atravessando aquelas serras piauiense (CAMELO,2001).

Segundo Camelo as pessoas oravam para proteger Lampião e seu grupo e ao mesmo tempo o aconselhavam a não explorar aquelas terras porque a partir daquela chapada começava a entrar em terras perigosas, pois ali já ficava muito perto do estado do Maranhão e as “megeras” (feiticeiras) poderiam prejudica-los sem precedentes.

Outro lugar que no imaginário popular tinha forças ocultas que o tornava encantado era o Raso da Catarina no estado da Bahia. A magia da região está no fato de ser de difícil acesso onde só os cangaceiros conseguiam entrar e sair sem nenhum contratempo. Tornando assim uma espécie de santuário para a comunidade de Lampião e palco até os dias de hoje para uma simbologia popular (CAMELO, 2001).

O imaginário dos sertanejos era expresso através de versos que eram contados através de trovadores e livros de cordéis, pois como a população era praticamente toda analfabeta, a única forma de saber uma história era através dos trovadores que eram contadores de histórias e através de pequenos versos escritos nestes livrinhos que era vendido em feiras livres. E muito dessas histórias não eram verídicas, pois vinha do imaginário de quem o produzia ainda chegando o autor Lampião mesmo com pouco estudo também carregou essa cultura de fazer versos e repentes que ficaram conhecidos em todo cenário rural (CHANDLER, 1980).

Todos os elementos citados acima fazem parte de uma paisagem singular. Nesse panorama, o Turismo Arqueológico pode representar um papel de grande destaque, trazendo, para a paisagem já existente, novos adornos, os quais, sem sombra de dúvida, vão contribuir para o desenvolvimento local e nacional. Nesse ambiente, é possível perceber que a arqueologia, que já contribuiu com o achado de relíquias de outros tempos nessa região, pode contribuir muito mais para o desenvolvimento local, no entanto, é necessário continuar as

escavações e a busca arqueológica, de modo que novos achados possam se somar, melhorando assim o leque de atrações oferecidas aos turistas.

Com tudo isso, é relevante ressaltar o fato de que as diversas relíquias do cangaço as quais foram e ainda serão encontradas fazem parte da paisagem e estão diretamente ligadas a cultura material da região, sendo um ponto de importante destaque para todos os envolvidos direta ou indiretamente nesse ambiente.

Nesse contexto, se faz imprescindível a criação de um grupo de articulação e representação dos distintos atores envolvidos no turismo local (comunidade, empresários e setor público) para elaborar, apresentar e analisar propostas, fechar acordos, desenvolver e monitorar ações de melhoria da atividade turística, e na preservação deste rico Patrimônio Cultural, arraigado no Nordeste brasileiro. Nesse contexto se faz necessário a medida de algumas ações mais paliativas as quais vão contribuir de modo direto no desenvolvimento local, seja por aumentar a procura dos turistas ou por mais incentivos fiscais por intermédio do governo, tendo em vista a grande oportunidade de desenvolvimento local, sendo esses pontos:

- Ampliar o programa de resgate arqueológico à beira do Rio São Francisco de modo que seja possível a obtenção de novos objetos de exposição.
- Promover convênios e acordos com universidades, instituições, órgãos públicos e privados e ONG`s de apoio ao desenvolvimento da atividade turística para que seja obtido o máximo possível do espaço disponível;
- Criar e estabelecer calendário de eventos diferenciados visando à promoção e captação de visitantes desejados em diversos períodos dos anos, mantendo sempre o mercado com crescimento contínuo;
- Criar condições de participação dos envolvidos na área, no conhecimento, execução, monitoramento e avaliação das ações constantes neste plano para que todos possam perceber a importância dos seus papéis como agentes de crescimento da sua sociedade;
- Identificar com clareza o atual estágio do ciclo de vida do destino e suas implicações como taxa de desenvolvimento, acesso, diretrizes governamentais, tendências de mercado e destinos concorrentes;
- Facilitar os meios de comunicação com os turistas, residentes, empresários e poder público para acatamento de sugestões e críticas que visem à melhoria do destino;

- Orientar ações de marketing que visem fixar a imagem do destino pretendida bem como captação de visitantes conforme perfil desejado;
- Estabelecer parcerias para implantação de ações de produção artesanal na área de modo a garantir a melhoria da qualidade de vida da população;
- Instituir parcerias com os programas de capacitação em atendimento turístico, gastronomia local e fortalecimento de organização comunitária para que seja possível oferecer um cardápio típico mais de qualidade aos turistas;
- Estabelecer parceria com instituições e programas de fomento à diversificação de negócios turísticos para que seja possível garantir o máximo de desenvolvimento da região;
- Criar sistema de indicadores e monitoramento da atividade turística na área para que seja possível garantir o desenvolvimento sustentável;
- Elaborar material de conscientização turística específico para os visitantes e residentes em parceria com a iniciativa privada para que o desenvolvimento turístico não provoque a deterioração do patrimônio cultural da cidade;
- Estimular a criação e capacitação de um grupo de voluntários mirins e juvenis de recepção e monitoramento dos visitantes para mostrar que todos podem e participam do desenvolvimento da cidade e desse modo ainda prevenir a formação de delinquentes juvenis.

Em paralelo a todas essas medidas, considerando a Cultura Ambiental são imprescindíveis as necessidades de criação de parcerias com órgãos/instituições de educação e regulamentação ambiental e a busca de apoio para ampliação do calendário semanal de coleta de lixo.

Outra frente na busca por soluções é a organização territorial que propõe: estabelecer parcerias para a implementação das ações de adequação do uso e ocupação do solo da área e elaborar o planejamento territorial turístico da área com propostas de harmonização das edificações, vias e paisagismo de acordo com o ambiente natural local.

Em relação à infraestrutura comunitária, as soluções estão pautadas na busca por apoio do governo municipal através de suas secretarias competentes para implantação dos serviços de telefonia pública, água encanada e tratada e posto de saúde.

E, por último, as soluções de infraestrutura turística que idealiza a implantação de um posto de segurança turística com funcionamento aos finais de semana e feriados, e ainda, o estabelecimento de parcerias com a iniciativa privada para implantação de sinalização

turística e educativa em todo o percurso do acesso a Grota do Angico, disponibilização de estacionamento sinalizado para veículos e ônibus de turismo.

As soluções encontradas são muitas, entretanto, concretizá-las é extremamente complicado, envolvendo aspectos políticos, sociais, culturais, ambientais e, principalmente o econômico, visto que a comunidade não dispõe de capitais. Fato este, que evidencia a dependência da parceria entre órgãos públicos, instituições privadas e a própria comunidade.

De modo geral, é possível perceber, pelo exposto, que infelizmente não existe um interesse por parte do governo no incentivo no desenvolvimento local na parte sergipana tanto quanto na alagoana. Tendo em vista o fato dos principais acontecimentos da história do cangaço no Nordeste ter ocorrido no lado sergipano, não foi encontrado motivo razoável para esse desleixo com um ambiente que tanto pode contribuir para o desenvolvimento, não só para o local, mas também, para o regional.

A atuação de emissoras de TV, como exemplo a Rede Globo, já citado nesse trabalho, demonstra o grande e importante papel que esse veículo de divulgação pode ter no desenvolvimento do turismo. Assim sendo, se mostra interessante a busca pelo apoio desses, de modo a garantir o máximo de aproveitamento das diversas oportunidades que possam surgir ou ser criadas.

Sugere-se, ao final, a ampliação deste estudo, pois este representa uma pequena aproximação unindo o turismo arqueológico à grota de angico. Esta pesquisa tratou de um tema de extrema importância, pois aqui se considerou o dado arqueológico, como um dado a priori.

## 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, A. N. **Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida**. In: Estudos Avançados, 1999, v. 13, n. 36, pp. 7-59.

ACESO, **Lampião: cangaço por paixão, esporte ou religião**. Disponível em:<[http://lampiao\\_aceso.blogspot.com.br/2009/06/angicos-aspectos-geograficos-e.html](http://lampiao_aceso.blogspot.com.br/2009/06/angicos-aspectos-geograficos-e.html)>. Acesso em: 21/01/ 2016.

ACUTO, Félix A. **Paisaje y Dominacion**: La constitucion Del espacio social em El Imperio Inka. In: ZARANKIN, Andrés e ACUTO, Félix A. (Eds).Sed non satiata. Teoría social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea, Buenos Aires, Ediciones del Tridente, Colección Científica, 1999, p. 33-75.

ALVES, José Jackson Amancio; ARAÚJO, Maria Aparecida; NASCIMENTO, Sebastiana Santos do, **Degradação da Caatinga; Uma Investigação Ecogeográfica**, Revista Caatinga- ISSN 0100-316X, Universidade Federal Rural do Semi- Árido (UFERSA), Pro-Reitoria de Pesquisas e Pós-Graduação, Mossoró-Brasil, 2009.

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, V.8, n.15, 1995. P. 145-151.

AMORIM, Lilian Bayman de. **A cerâmica Marajoara. A comunicação do silêncio**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.

ARAÚJO, Germana Gonçalves de. **Aparência cangaceira**, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

ARAÚJO, Hélio Mário de, BEZERRA; Giraldo dos Santos; SOUZA, Acássia Cristina; 2014.

ASCHUETZ, Kurt F; WILSHUSEN, Richard H; SCHEICK, Cherie L. **An Archaeology of Landscapes: perspectives and directions**. *Journal of Archaeological Research*, vol. 9, nº 2, 2001.

ASHMORE W; BERNARD KANAPP, (ed). **Archaeologies of Landscape. Contemporary perspectives**, Oxford: Blackwell Publ, 1999.

ASHMORE, W. **Social Archaeologies of Landscape**. In L. Meskel, & R PREUCEL, A companion to Social archaeology Oxford: Blackwell Publishing. 2007.

ASHTON, Mary Sandra Guerra. **Turismo: a mutação do cotidiano. Turismo, cultura e sociedade**. EDUCS, Caxias do Sul, p. 11-24, 2006.

AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos**. Rio de Janeiro: Fronteira, 1990. 406.

BENDER, B. Introduction. In: Bender, B.; WINER, M. **Contested Landscapes. Movement, Exile and Place**. Oxford: Berg, 2001. P. 01-20

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Trad. Josely Vianna Batista. Bauru: EDUSC, 2002.

BOMFIM, Luiz Fernando Costa; COSTA, Ivanaldo Vieira Gomes da; e BENVENUTI, Sara Maria Pinotti. **Projeto Cadastro da Infra-Estrutura Hídrica do Nordeste: Estado de Sergipe. Diagnóstico do Município de Poço Redondo**. Aracaju: CPRM, 2002.

BRANTON, N. **Landscape Approaches in Historical Archaeology: The Archaeology of Places**. In MAJEWSKI, t; GAIMSTER, D. (org). *International Handbook of Historical Archaeology*,. New York Springer, 2009, p. 51-66.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF:

Senado, 1988.

BRASS, m **The Antiquity of Man**. Disponível em: <[http:// www.antiquityofman.com/landscapearchaeology.html](http://www.antiquityofman.com/landscapearchaeology.html).1999.> Acesso em 28 de ago. de 2016.

CAMELO, Filho José Vieira. **Lampião o Sertão e sua gente, Campo Grande, MS:** Ed, Ufms, 2001.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião o rei dos cangaceiros/** Billy Jaynes Chandler, tradução de Sarita Linhares Barsted-Rio de Janeiro: Paz e terra.

CORIOLOANO, L. N. (2013). **LAZER E TURISMOS PARA O DESENVOLVIMENTO NA ESCALA HUMANA**. Revista Lusófona de Estudos Culturais, 1(2), 125-141. doi:ISSN 2183-0886.

COSTA, Alcino Alves. **Lampião de Sergipe**, Ed. Diário oficial, Aracaju,2011.  
Costa, C. R. (2012). **Turismo, produção e consumo do espaço litorâneo**. *Geografia em Questão*, 05(1), 147-162. doi:ISSN 2178-0234.

ENERGIA, M. M. (2005) Acesso em agosto de 2016, disponível em CPRM - Serviço Geológico do Brasil. Disponível em: [http://www.cprm.gov.br/publique/media/hidrologia/mapas\\_publicacoes/Atlas\\_Digital\\_RHS/bahia/relatorios/SANT156.pdf](http://www.cprm.gov.br/publique/media/hidrologia/mapas_publicacoes/Atlas_Digital_RHS/bahia/relatorios/SANT156.pdf). >. Acesso em agosto de 2016.

ERRI, M. G. **Vegetação brasileira**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

FAGUNDES, M. **Entendendo a dinâmica cultural em Xingó na perspectiva inter sítios: indústrias líticas e os lugares persistentes no baixo vale do rio São Francisco, Nordeste do Brasil**. Arqueologia IberoAmericana , 3-23. 2010.

FERNANDES, João Luís. **Paisagem cultural: de um espaço de reterritorialização a um recurso turístico**. The Overarching Issues of the European Space. Ed. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2013, p. 269-285.

FERNANDES, L. C. **O último combate de Lampião**, (2012). Disponível em: <<https://cangaco.com/2012/07/20/o-ultimo-combate-de-lampiao/>>. Acesso em 10 jul. 2016.

FERRAZ, R. C.; MELLO, A. A.; FERREIRA, R. A.; Prata, A. P. do N.: **Levantamento Fitossociológico em área de Caatinga no Monumento Grota do Angico, Sergipe, Brasil**, Revista Caatinga Mossoró, v. 26,n 3, p. 89-98, jul-set,2013.

FERREIRA, A. B. (2016). **Aurélio - O Dicionário da Língua Portuguesa**. Positivo.  
FILHO, Fadel David Antonio. **Sobre a palavra "Sertão": origens, significados e usos no Brasil do ponto de vista da ciência geográfica**. Bauru: Revista Ciência Geográfica XV, V.XV-1, Janeiro/dezembro 2011. P.84-87

FLEMING, Andrew, **Post-processual Landscape Archaeology: a critique**, Cambridge Archaeological Journal 16: 3,267-80, Mc Donald Institute for Archaeological Research; Printed in the United Kingdom, 2006.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro, UFRJ: IPHAN, 1997.

FUNARI, Pedro Paulo. **A. Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica**. Dossiê Arqueologias Brasileiras, v. 6, n. 13, p. 2004-2005, 2006.

**Arqueologia**. Arqueologia São Paulo: Ática, 1988.

GALLAY, A. **A Arqueologia Amanhã**. Tradução: Emílio Fogaça, 1986.

GEOGRAFIA SABER. Disponível em: <<http://www-geografia.blogspot.com.br/2010/03/sergipe-geografia-historia-economia.html>> Acesso 13 de jun. de 2016.

GÓIS. **Joaquim, Lampião, o último cangaceiro**. Aracaju, Livraria Regina Ltda., 1966.

GOOGLE MAPS. (2016). Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps/place/Po%C3%A7o+Redondo,+SE/@-9.80658,38.2438217,9z/data=!4m5!3m4!1s0x70f391e54636d15:0xc88d4d4c04cc0572!8m2!3d-9.8065819!4d-37.683604.>>> Acesso 13 de jun. de 2016.

HAWKES, K.; O'CONNELL, J. F.; BLURTON JONES, J. F. **Hunting income patterns among the Hadza: big game, common goods, foraging goals and the evolution of the human diet**. Philosophical Transactions of the Royal Society, Series B 334, 1991.

IRMÃO, José Bezerra Lima. **Lampião- a raposa das caatingas**, IM gráfica & Editora Ltda, Salvador, 2014.

JOHNSON, M. **Teoria Arqueológica: uma introducción**. Barcelona. Editora Ariel AS. 2000.

JOHNSON, M. **Ideas of Landscape**. Blackwell Publishing. 2007. 266p.

JORNALI. **A história de Lampião, o rei do cangaço**. 2016. Disponível em: <<http://www.jornali9.com/blogs-colunistas/cabo-marden/conheca-a-historia-de-lampiao-o-rei-do-cangaco>>. Acesso em 17 de ago. de 2016.

LARGATENSE.com.br, disponível em: <http://www.lagartense.com.br/41041/sergipe-temnova-divisao-hidrografica>. Acesso em: 13/04/2016.

LIMA, João de Souza, **A trajetória guerreira de Maria Bonita a rainha do cangaço**/ João de Souza Lima, Paulo Afonso: Fonte Viva, 2011.

MAE. **Arqueologia e História Cultural**. (2015). Disponível em:<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Usu%C3%A1ria:Domusaurea/Oficina\\_de\\_edi%C3%A7%C3%A3o\\_\(MAE\\_USP\\_2015\)/Arqueologia\\_hist%C3%B3rico-cultural](https://pt.wikipedia.org/wiki/Usu%C3%A1ria:Domusaurea/Oficina_de_edi%C3%A7%C3%A3o_(MAE_USP_2015)/Arqueologia_hist%C3%B3rico-cultural)> Acesso em 27 de ago. de 2016.

MASCHNER, H., & MARLER, B. **Evolutionary Psychology and Archaeological Landscapes**. In: B. DAVID, & J. THOMAS, *Handbook of Landscape Archaeology*. Walnut Creek, Califórnia, USA: Left Coast Press, Inc . 2008

McGLADE, J. **Archaeology and the evolution of cultural landscapes: towards an interdisciplinary research agenda**. In: P. UCKO, LAYTON, & R., *The Archaeology and Anthropology of Landscapes: shaping your landscape*. London : Routledge. 1999

MELLO, Anabel Aparecida, **Aspectos de Ecologia de Paisagem e Ameaças à Biodiversidade em uma Unidade de Conservação na Caatinga de Sergipe**, Revista *Árvore*, Viçosa- MG, v 37, n3,p479-490, 2013.

MENEZES, J. S (2015). **Turismo Cultural**. Universidade Estadual de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <<http://www.uesc.br/icer/artigos/oturismocultural.pdf>> ). Acesso em 02 de set. de 2016

MORAIS, JL. **Perspectivas Geoambientais da Arqueologia do Paranapanema Paulista**. Tese de Livre Doscência MAE-USP, 1999.

NASSIF, Luís. **A Riqueza do Bioma Caatinga**. Blog Jornal GGN, 2011. Disponível em: < <http://jornalgggn.com.br/blog/luisnassif/a-riqueza-do-bioma-caatinga>>. Acesso em: 28 de ago. de 2016.

NETO, Cicinato Ferreira. **A misteriosa vida de Lampião**, Fortaleza; Premius, 2008. Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea - Ministério de Minas e Energia, Bahia. **Diagnóstico do Município de Ichu**. Outubro de 2005.

OLIVEIRA, Acassio Militão de. **Condicionantes Naturais no Contexto do Sistema Ambiental Físico da Região do São Francisco Sergipano**, Revista Geográfica da América Central, Número Espacial EGAL, 2011-Costa Rica, II Semestre, 2011.

OLIVEIRA, M. R., & VITTE, C. d. **ANPPAS**. Disponível em:< [http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro2/GT/GT15/melissa.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT15/melissa.pdf)> Acesso em 20 de jul. de 2016.

PATRIMÔNIO E DESENVOLVIMENTO. Coimbra: Departamento de Letras da Universidade de Coimbra, 2010. 97p.

PEARCE, S. **Archaeological Curatorship**. Leicester University Press, (Leicester Museum Series), 1990.

PELLINI, José Roberto, **Onde está o gato? Realidade, Arqueologia Sensorial e Paisagem**, Revista *Habitus*, Goiânia, v.9, n.1,p.1731, jan/jun.2011.

PELLINI, José Roberto, **Uma onversa sobre Arqueologia, Paisagem e Percepção**

com **Robim o Bom Camarada**, Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 19;21-37,2009.

PEREIRO PÉREZ, X. **Turismo Cultural: leituras da Antropologia**. Comunicação apresentada ao congresso internacional de Turismo Cultural, organizado por Naya (Notícias de Antropologia e Arqueologia). Argentina. 2005. Disponível em: Acessado em 10 de março de 2009.

PEREIRA, P. C., & SPOLON, A. P. (2007). **Turismo, hotelaria e imagem urbana: A construção e o consumo de espaço de simulação**. Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales, XI, 245. doi:ISSN: 1138-9788

ORSER, C.E. **In Search of Zumbi. Preliminary Archaeological Reserch at the Serra da Barriga, State of Alagoas, Brazil**. Normal: Illinois State University, 1992.

RIBEIRO, A. S.; MELLO, A. A. Diagnóstico da biota. In: RIBEIRO, A.S. (Coord.). **Estudos para criação do Monumento Natural Grota do Angico**. Sergipe: Governo de Sergipe, Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos, 2007. p.12-20.

ROGERS, Alan. **Court Traité du Paysage**, Ed.Gallimard, Paris, 1997, pp.19/20.

SANTOS, G. d. (2007). **MEMÓRIA DE UMA EX-CANGACEIRA: A ÚLTIMA ENTREVISTA DE MARIA ADÍLIA**. SAECULUM- Revista de História, 17, 141-151.

SANTOS, S. Cristianne; MELADO, V., **Levantamento Florístico e Satatus de Conservação dos Cactos do Estado de Sergipe**, nordeste do Brasil, Laboratório de Fisiologia de Sementes, Departamento de Biociências, Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, Sergipe, Brasil, 2015.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. **Paisagem: natureza perdida, natureza reencontrada?** Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea. Brasília: nº 2, ano 1, 2013. 8-27.

Schaan, D. 2007. **Múltiplas vozes, memórias e histórias: por uma gestão compartilhada do patrimônio arqueológico da Amazônia**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 33, p. 109-135.

SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS HÍDRICOS - SEMARH -Sergipe. **Unidades de Conservação**. 2009. Disponível em:<<http://www.semarh.se.gov.br/biodiversidade/modules/tinyd0/index.php?id=11>> Acesso em: 10 de jul.2016

SEINFRA – SECRETARIA DE ESTADO DA INFRA-ESTRUTURA, CONVÊNIO Nº 002288. Disponível em: <http://transparencia.al.gov.br/convenio/convenio->

detalhado/002288/ acesso em 05-09-2016

SERGIPE. Secretaria de Estado do Planejamento e da Ciência e Tecnologia SEPLANTEC. Superintendência de Estudos e Pesquisas-SUPES. Perfis Municipais: Aracaju, 1997. 75v.

SERGIPE. Secretaria de Estado do Planejamento e da Ciência e Tecnologia SEPLANTEC. Superintendência de Estudos e Pesquisas-SUPES. Informes Municipais: Aracaju, 2000. 75v.

SERGIPE. Programa para o Desenvolvimento Sustentável do Semiárido Sergipano: Avaliação Ambiental Estratégica. Sergipe: Governo de Sergipe e Fundação de Fomento à Tecnologia e a Ciência, 2005.

SILVA, Ana Cecília da Cruz; PRATA, Ana Paula do Nascimento; SOUTO, Leandro, Sousa, ILVA, José Maria Cardoso; TABARELLI, Marcelo; LEAL, R. In: **Ecologia Conservação da Caatinga**, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

SILVA, Roselita Atalgina, **Riqueza e Diversidade de Espécies vegetais Lenhosas da Caatinga na Região de Xingó, Alagoas**, Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Pernambuco-Recife, 2002.

SIMÕES, Paulo Fernando Pereira Fabião. **A Paisagem Cultural do Buçaco: a singularidade de um território turístico e de lazer**. Dissertação de mestrado em Lazer. Universidade Federal de Sergipe, 2010.

SIMÕES, Fernanda Libório, **Paisagens Arqueológicas: Considerações Teórico-metodológicas sobre Arqueologia da Paisagem e sua aplicabilidade em um sítio dunar** (parte1), história e história Publicação organizada com o apoio do Grupo de Pesquisa Arqueológica Histórica da UNICAMP, 11 de dezembro de 2012.

SIMÕES, FLR. **Arqueologia da Paisagem nas Dunas Holocênicas: o estudo de caso do Sítio Cardoso (Lagoa Redonda, Pirambu, SE)**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)- Universidade Federal de Sergipe, 2014.

SIMÕES, F. L. **Arqueologia e Pré-História**. 2016. Disponível em: <<https://arqueologiaeprehistoria.com/subareas-da-arqueologia/arqueologia-da-paisagem/>>. Acesso em 07 de jul. de 2016.

SMALL, Mario Luis; HARDING, David James; LAMONT, Michèle. **Reconsidering Cultura and Poverty**. ANNALS of the American Academy of Political and Social Science. Vol. 629, 2010. 6-27.

SOUSA, ANA CRISTINA, **Arqueologia da Paisagem e a Potencialidade Interpretativa dos Espaços Sociais**, Revista Habitus, Goiania, v.3,n.2,p.291-300,jul/dez.2005.

SOUZA, C. G. (2012). **O Turismo Arqueológico na Preservação do Patrimônio**

**Cultural: um estudo de caso dos sítios rupestres de Serranópolis-GO.** Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

TILLEY, Chris, **Do Corpo ao Lugar à Paisagem: uma perspectiva fenomenológica,** Vestígios- Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, volume 8| n 1| janeiro-junho, 2014.

TRZASKOS, L. A. et al. **PAISAGEM NATURAL E CULTURAL:** possibilidades de desenvolvimento turístico na Colônia Sutil em Ponta Grossa/ PR. VII ENPPEX. Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão, Paraná, 2010. Disponível em: < [http:// docplayer. com.br/4911752-Paisagem-natural-e-cultural-possibilidades-de-desenvolvimento-turistico-na-colonia-sutil-em-ponta-grossa-pr-area-turismo.html](http://docplayer.com.br/4911752-Paisagem-natural-e-cultural-possibilidades-de-desenvolvimento-turistico-na-colonia-sutil-em-ponta-grossa-pr-area-turismo.html)> Acesso em 05 de ago. de 2016.

UCKO, Peter John; LAYTON, Robert Hugh.(Org.) **The Archaeology and Anthropology of Landscape: Shaping your Landscape,** London, Routledge.1999.

VIANA, Willian Carboni; QUEIROZ, Luiz Antonio Pacheco; COSTA, Maria Clara Rocha da. **Formação Ideacional da Paisagem e as Contribuições da Geografia e da Arqueologia.** Revista Sodebras, V. 11, nº 126, 2016. Disponível em:<<http://www.sodebras.com.br/edicoes/N126.pdf>>. Acesso em: 14 de jul. de 2016.

VITA-FINZI, C. **Archaeological sites in their setting.** Cambridge: Norton & Co. 1978.

## ANEXO I

Entrevista realizada no Museu do Sertão Piranhas-AL

Nome da entrevistada: Simone Souza dos Santos

Profissão: Agente de turismo

Idade; 35 anos

Natural de: Piranhas- AL

Dalila: Você acha que com o decreto do Monumenta o turismo na Grotta do Angico melhorou?

Melhorou com certeza. Apesar de ter sido daqui de alagoas que saiu a volante que matou Lampião, Lampião é quem opera o turismo na região, ele é o carro chefe do turismo aqui. Se não fosse Lampião, é claro que também o rio São Francisco que tem esse Kenion famoso aqui não seria nada. A história do cangaço aos poucos está sendo ampliada. O turismo aqui vem crescendo de forma espontânea e a cada ano o número de turistas vem crescendo na região. Só que existe uma problemática... o número de pousadas não é suficiente para demanda do turismo. E também a infraestrutura da cidade não está projetada para essa demanda de visitantes. Porque a cada ano o número de pessoas circulando aqui só aumenta tanto pelo fator cangaço, como também pelo fator mídia, pois vamos começar a gravar uma minissérie agora no final do ano que é baseada em um livro de uma autora francesa que agora por hora não recordo do nome, mas sei que o nome do romance é o CANGACEIRO E A COSTUREIRA. Quem vai atuar nessa minissérie são atores GLOBAIS, então com isso tudo a demanda vai dobrar aqui, e nossa preocupação é a infraestrutura da cidade que não é legal, pois temos esgotos escorrendo o tempo todo para dentro do rio São Francisco. Minha preocupação é esta, será que Piranhas está preparada para receber tantos turistas? E outra as pessoas que trabalham nas pousadas 95% nunca estudaram hotelaria.

Dalila: Mas você sabe me dizer se o turismo na Grota do Angico do lado sergipano em Poço Redondo-SE é explorado como o daqui?

Entrevistada: Não, não é. Eu até acho que é uma deficiência do governo do estado. Mas ultimamente eles andam se despertando para o turismo voltado para o cangaço. Quem realmente explora mais o turismo do cangaço é os alagoanos e não os sergipanos. E isso deveria ser um alerta para os sergipanos, porque a Grota do Angico está em terras sergipanas, mas quem explora mesmo são os alagoanos. Poço Redondo deveria explorar mais, porém Poço Redondo tem uma deficiência enorme devido a sua economia que é uma das piores.

Dalila: Você nasceu em Piranhas?

Entrevistada: Sim!

Dalila: E você conhece a Grota do Angico desde pequena?

Entrevistada: Conheço desde quando vim trabalhar aqui... tem 15 anos!

Dalila; E você acha que a paisagem se modificou?

Entrevistada: Mudou sim!

Dalila; você acha que melhorou?

Entrevistada: melhorou sim. Porque Angicos mesmo de verdade, a rota verdadeira que é feita pelo catamarã ou pelos barqueiros locados e não a FMTUR que abriu uma nova passagem ao lado de Angico para chegar a Grota.

Dalila; mas você conhece pela entrada da sede da fazenda que fica em Poço Redondo?

Entrevistada: conheço não!

Dalila: Mas a do lado alagoano tu acha que modificou?

Entrevistada: modificou sim, porque foram inseridas frutas que não fazem parte do cenário original, porque a vegetação aqui é caatinga né, são plantas medicinais como a

aroeira, a catingueira rasteira, o bonome e agora tem um cenário totalmente tropical, ou melhor de sítio, pois tem pé de manga de caju...

Dalila: Então não é uma paisagem natural da região?

Entrevistada: não, não é não... foram inseridas naquela parte da entrada do Angico

Dalila: Mas você sabe dizer quando foram inseridas?

Entrevistada: bom desde que eles começaram a explorar o turismo lá, desde quando fizeram o restaurante. A gruta do Angico fica a 600 metros do restaurante. Então no caso você tem que fazer uma trilha para chegar lá

## ANEXO II

Entrevista realizada no dia 07 de agosto de 2016, no município de Poço Redondo-SE

Entrevistado: James Cardozo

Idade: 30 anos

Profissão: Guia turístico

Dalila: Quando passou a ser reserva ambiental aqui na Grota do Angico?

James: em 2007 com o decreto estadual. Já vai fazer dez anos. Daí não pôde desmatar mais nada

Dalila: Os prédios da entrada da Grota também foram construídos nesse ano?

James: Sim! Sobre arqueologia, nós encontramos uma relíquia aqui que foi a arma de um cangaceiro. Foi encontrada o ano passado embaixo de uma maloca de pedra bem perto do combate da volante com os cangaceiros.

Dalila: O artefato já foi retirado daqui?

James: não, ela está aí na reserva ela vai aí mesmo.

Dalila; mas não vão tira-la para estuda-la e depois leva-la para um museu?

James; não, ela vai ficar aí mesmo. Ela foi pra Fortaleza para um especialista analisa-la e depois voltou. Foi porque eles queriam saber se era mesmo de cangaceiro, qual era a idade dela.

Dalila: E era dos cangaceiros?

James: Sim! Foi dito que era dos cangaceiros, só não sabe de qual (risos) Na hora do tiroteio eles deixaram as armas e foram embora.

Dalila; você acha que tem artefatos escondidos nessas rochas?

James: eu acho que sim! Estão fazendo escavações arqueológicas lá na beira do rio bem no local onde tinha a casa do coiteiro de Lampião, bem onde você e o professor Duran acharam cerâmica e louça há um ano atrás lembra?

Dalila: lembro sim!

James: E também os arqueólogos estão procurando dentro do rio São Francisco. Eles encontraram até um pote da época dos índios.

Dalila: São arqueólogos brasileiros?

James: A maioria é de fora tem uns ingleses. É da arqueologia subaquática que eles disseram.

Dalila: Você poderia falar sobre o cangaço como você fala para os turistas?

James: Posso sim! O cangaço surgiu no final do século XVIII. O cangaço foi criado com a intenção de deixar claro que você não era obrigado a fazer o que não queria. O cangaço surgiu pra mudar digamos assim a trajetória de vida que muitos nordestinos tinham, pois o cangaço não recebia ordem de coronel nenhum que eram os soberanos da época né? Então o cangaço surgiu para mudar esse sistema. O cangaço teve mais de sete líderes, mas o que ficou mais famoso foi o de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. O Lampião entra no cangaço como muitos dizem para vingar a morte de seu pai, mas isso não é verdade porque lampião nunca vingou morte de seu pai. Lampião entra para o cangaço porque toda vida ele foi de briga, nunca levou desaforo para casa e ele sempre quis entrar para o cangaço, então ele aproveitou o embalo da morte do seu pai para entrar para o cangaço para usar como desculpa que estava vingando a morte do seu pai, ele tem um propósito. E para a sociedade aceita-lo como herói Lampião matou, matou e estuprou e bordou, mas a sociedade entendeu como se ele tivesse vingando a morte do pai, pois naquela época era normal se um familiar morresse assassinado um parente vingar sua morte. Então a sociedade via ele como m herói e não como um bandido. Lampião já nasceu inteligente nem precisou estudar não é a toa que em 1926 se

tornou o maior líder do movimento do cangaceirismo. Nessa mesma época Lampião foi convidado pelo padre Cicero que foi o maior coronel de todos, padrim Cicero foi um dos maiores políticos da época. Com seu poder político o padre chamou Lampião para combater a coluna prestes, mas na verdade a verdadeira intenção do padre Cicero era que Lampião e a coluna prestes se alto destruíssem Só que lampião de besta não tinha nada...pegou a patente de capitão e as armas e deu nome ao cangaço e ainda disse ao padre Cicero que Júlio Prestes não tinha os mesmos ideais dele. Já em 1927 Lampião vai a Mossoró onde ocorreu a primeira derrota do cangaço, pois ele é derrotado em Mossoró indo buscar abrigo na Bahia. Já em 1930 foi quando o cangaço mudou suas regras colocando a primeira mulher no cangaço e logo após entra outras mulheres no cangaço aí muda todo o cangaço, pois Maria Bonita torna o cangaço menos cruel, pois acaba aquelas ondas de estupro, de assassinos cruéis e de morte, mas isso enfraquece o cangaço, pois a volante aproveita as manobras que Lampião tinha que dar para manter as mulheres, pra manter aquele convívio pacífico e a volante vendo isso começa a chegar mais perto do cangaço, devido as manobras para deixar as mulheres mais confortáveis. E em 1938 com a traição de Joca BERNARDES que entrega Pedro de Candido que era coiteiro que era dono dessas terras do Angico. Quando Joca Bernardes entrega Pedro de Candido com raiva porque Pedro recebia ouro dos cangaceiros e moedas interinas dos estrangeiros ele é ameaçado e torturado pela volante e sem aguentar mais leva a volante do tenente João Bezerra até a grotta onde estão os cangaceiros. No dia anterior na quarta-feira a noite Lampião tinha dado uma festa para seu grupo e na quinta-feira a volante chega com 40 homens armados de mosquetão e três metralhadoras de fabricação Alemã e mata Lampião sua mulher mais nove cangaceiros dando início ao fim do cangaço porque só morreram 11 aqui e sabemos que o grupo era muito maior. Na verdade, no dia tinha 35 cangaceiros, mas 24 inclusive zé sereno que tinha o corpo todo tatuado e dizia que só morria se fosse degolado conseguiram passar disfarçados pela volante. Corisco não estava no combate, mas dias depois

veio vingar a morte do capitão e dos outros. Corisco vai atrás de Jocas Bernardes que foi o cara que entregou Lampião e pergunta a ele quem foi que entregou Lampião, só que se o Joca dissesse eu foi ele o Corisco ia matar ele, aí ele para se safar disse que tinha sido uma família de alagoas da fazenda PATOS que não tinha nada a ver, morreram decapitados inocentemente por Corisco só ficou o recém-nascido porque uma cangaceira pediu clemencia. Ele leva as cabeças da família e entrega lá em Piranhas para o tenente João Bezerra fazer uma buxada, pois ele estava vingando a morte do capitão. Em 1940 Corisco é morto na Bahia acabando assim com o legado do cangaço que já tinha 160 anos de história. Mas até hoje o cangaço está presente e as brigas também, porque olhe, na semana agora da missa da morte de Lampião teve uma briga da poxa aqui porque tiraram a placa que indicava a morte de um soldado que morreu em confronto com o bando, ninguém sabe quem fez isso, mas no dia foi uma briga de alguns historiadores presentes que dizia que ele não tinha sido morto aqui e outros já diziam que sim. Esse lugar ainda traz muita rivalidade nunca vi! Só sei de uma coisa... muita coisa errada ainda precisa resolver.

Dalila; E você acha que arqueologia ta aí para solucionar estas perguntas?

James: Sim, claro que sim! Já se sabe que tinha porto aqui, pois foi encontrado um naufrágio do século XVII, então precisa saber para que servia esse porto? Qual mercadoria eles traziam para cá? E também para descobrir sobre o cangaço.

Dalila: E você acha que com essas descobertas arqueológicas o turismo vai melhorar aqui?

James: Vai porque vai ter algo novo para ser contado né. Bem aqui onde estão as cruzeiras com as placas indicando os nomes dos cangaceiros é um verdadeiro marco histórico. Vocês estão diante do maior marco histórico que deixou o nordeste brasileiro com uma história que ainda como disse antes precisa ser ajustada em muitos pontos. Será que o movimento foi por uma questão pessoal ou foi em prol de uma sociedade? Bom esse lugar é

muito misterioso para você ter uma ideia aqui tem dentro desses motos pistoleiro, traficantes e assaltantes e ninguém sabe onde eles realmente ficam porque o lugar é muito esquisito, misterioso. Eles veem a gente, mas a gente não vê eles pra você ter uma ideia. Por isso que Lampião escolheu este lugar.

Dalila: Quando vim aqui da primeira vez parecia que tinha mais pedras e era mais quente... como você explica isso?

James: é porque a paisagem muda de forma de acordo com as estações do ano. Tipo você está vindo em agosto o mês mais frio do ano, se você vier em outubro aí você já vai sentir aquele peso quente e vai se perguntar ‘ e esse lugar é aquele lugar mesmo? A vegetação sem folha... dezembro pior ainda aí é que é quente! Janeiro a mesma coisa, então a paisagem muda de acordo com a estação.

Dalila: Então provavelmente a paisagem estava parecida quando eles morreram?

James: Estava verde. Naquela época chovia muito e aqui tinha água. Na história conta que no poço ali embaixo chamado Tamanduá tinha água que até o primeiro tiro o policial estava apanhando água no poço. Hoje se você for lá é seco, mas naquela época tinha, tinha até minador! Poço Redondo naquela época bebiam água do minador, agora é tudo sal, salgou tudo! Mas há 78 anos tinha água correndo aqui que era mês de chuva.

Dalila: Mas aqui mesmo onde estão as cruzes?

James: Sim, aqui tinha as poças, do lado direito era as barracas dos cangaceiros e aqui no meio tinha água. Você sabe qual foi a última vez que esse riacho pegou água? Foi em 2004 na enchente, de lá pra cá nunca mais!

Dalila: Ah quer dizer que as barracas ficavam aqui do lado direito?

James: sim! Pode ver que a arma foi encontrada bem ali né. Olha, em 1983 aqui foi tudo queimado, essa mata já foi desmatada. Um tio meu disse que quando queimaram tudo

para fazer carvão essas cruzeiras podiam ser vistas de longe! ... As cruzeiras não eram estas, eram de bronze, mas foram levadas também, porque segundo os historiadores o tenente João Bezerra se arrependeu depois e chegou aqui e fez uma homenagem para Lampião e os cangaceiros trazendo uma cruz de bronze. A cruz foi retirada quando a filha e a neta de Lampião ganharam na justiça o direito as cabeças de Lampião e Maria Bonita tiram a cruz de bronze e sabe onde essa cruz está? Na Universidade Federal de Sergipe. Agora as cabeças de seus pais estão com ela na casa dela. Segundo os historiadores quando a volante matou os cangaceiros se ouvia de longe eles gritando matei Lampião! O povo ouvindo isso foram tudo embora com medo da volante dizer que eram coiteiros e com medo dos outros cangaceiros vingarem a morte deles. Aqui é tão misterioso e com tantas histórias tristes que alguns turistas quando vem aqui dizem que ficam arrepiados, que sentem um peso quando estão aqui.

Dalila: Gostaria de saber mais sobre o turismo, quando foi que explodiu o turismo aqui?

James: Olha, estou aqui há 15 anos fui de uma época que não vinha nenhuma alma vivente aqui, mas depois de uma novela chamada CORDEL ENCANTADO o turismo aqui explodiu, aí foi criação de catamarã pra cá trilhas e tudo mais! Aí depois a FMTUR faz um comercial que passava na globo com mostrando o kenion do Rio São Francisco e a trilha do cangaço aí pronto o turismo só cresceu e muito e agora com essa criação do eco parque que já foi reportagem até dos ESTADOS UNIDOS e agora com essa novela VELHO CHICO aí pronto aqui não tem crise econômica o turismo recada milhões por ano. Todo dia tem gente nessa GROTA DO ANGICO não tem um dia que uma alma não visite aqui. O catamarã só vive cheio de turistas. Tem uns três catamarãs. Tem até avião trazendo gente pra cá para ver essa Grotta. Vai até ser tombada pelo IPHAN agora. Esse homem Lampião é muito famoso! É famoso no mundo inteiro! Para você ter uma ideia tem gente que vem adorar Lampião aqui na

Grota. Tem gente que veio do Japão e da Alemanha com um jornal atrás de GROTA DO ANGICO.

Dalila: Você sabe mesmo onde foi o local exato da execução de Lampião?

James: Olha, o local exato não... porque aqui na época era areia por causa do riacho né, agora essa areia tá lá no rio por causa da enchente de 2004

### ANEXO III

Entrevista realizada em 07 de agosto de 2016 por Dalila de Souza Feitosa

Entrevistado: Robson Pereira

Idade: 25 anos

Profissão: Vendedor

Natural: Tabira-PE

Entrevistado: Ezequiel de Souza Feitosa

Idade: 36 anos

Profissão: Vidraceiro

Natural: Aracaju -SE

Entrevistado: James Cardozo

Idade: 30 anos

Profissão: Guia turístico

Natural: Nossa Senhora da Gloria

Robson: Segundo o pessoal mais velho de Itabira-PE essa história que Lampião morreu é mito, é mentira!

Dalila: Por que eles não acreditam?

Porque segundo o pessoal ele forjou essa morte para viver o resto da vida!

Dalila: você é turista?

Robson: sou!

Dalila: O que você acha do turismo local?

Robson: Acho muito bonito!

Dalila: você acha que tem que melhorar?

Robson: Não, eu acho tudo muito bonito!

Dalila: Você acha que o acesso a gruta por Poço Redondo-SE deve melhorar ou está bom?

Robson: eu penso que se for mexer nas estradas não vai ficar a mesma coisa vai modificar e o que é bonito é o natural, sabe!

Ezequiel: eu acho que o que deve melhorar é a sinalização, pois a gente se perdeu para chegar aqui. Só tinha placa na entrada lá na pista indicando a entrada e já bem perto da sede da fazenda. Fora isso acho que também tem que preservar as estradas. Eu penso que isso é o vandalismo. E isso dificulta a chegada do turismo.

James: Sabe o que é? É que devido a esse lugar ser tão misterioso e hostil tem muitos vândalos aqui dentro dessa mata. É eles mesmo que faz essas coisas e também a população como essas agrovilas.